



**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Ana Cristina Baladelli Silva

***“ENTRE”* ENCONTROS E CAMINHOS DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Sorocaba/SP
2021**

Ana Cristina Baladelli Silva

“ENTRE” ENCONTROS E CAMINHOS DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profª Drª. Alda Regina Tognini Romaguera

**Sorocaba/SP
2021**

Ficha Catalográfica

Silva, Ana Cristina Baladelli
S578e “Entre” encontros e caminhos de uma professora-pesquisadora no
cotidiano da educação infantil / Ana Cristina Baladelli Silva. -- 2021.
219 f. : il. : 20x25cm

Orientadora: Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera
Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba,
SP, 2021.

1. Educação de crianças. 2. Ambiente escolar. 3. Prática de ensino. 4.
Crianças e filosofia. I. Romaguera, Alda Regina Tognini, orient. II.
Universidade de Sorocaba. III. Título.

Ana Cristina Baladelli Silva

“ENTRE” ENCONTROS E CAMINHOS DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profª Dra. Alda Regina Tognini Romaguera (Orientadora)
Universidade de Sorocaba

Profº Dr. César Donizetti Pereira Leite
UNESP/Rio Claro

Profª Dra. Eliete Jussara Nogueira
Universidade de Sorocaba

Profª. Dra. Andreia Regina de Oliveira Camargo
Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP

Profº Dr. Marcos Antonio dos Santos Reigota
Universidade de Sorocaba

*Às professoras da educação infantil pública
que seguem esperando cotidianos.*



AGRADECIMENTOS

- Professora, prá você.

Que linda flor! Respondo.

- *Eu estou feliz sabia?*

Ah, que bom. Mas me conte, por que você está feliz? pergunto.

- *Porque eu vi uma flor linda e trouxe para você e fiquei feliz!*

E saiu correndo brincar. (ML. 4a.3m.)

Momento de agradecer as pessoas que fizeram parte desse caminho e que estiveram junto comigo me apoiando, incentivando, refletindo, dialogando.

À Prof^a Dr^a Alda, minha amiga-orientadora, por percorrer esse caminho me desafiando, propondo novos olhares, novas leituras, novos encontros, com amorosidade e carinho.

Ao meu companheiro de vida Marcio pelo apoio, dedicação, paciência, cumplicidade, solidariedade.

Às *ritmeiras* e *ritmeiros*, amigas e amigos, que no decorrer desses anos passaram pela minha vida, às professoras e professores do programa pela presença e partilha.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo seu apoio através da bolsa de estudos concedida, imprescindível nesse percurso.

Aos professores da banca, gratidão pelas partilhas, sugestões e pelo tempo dedicado a leitura dessa tese.

À minha família, que apesar da distância, sempre me apoiou.

Sintam-se presenteados com uma linda flor!



Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.

Paulo Freire (2019a, p. 81)

*Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar.
Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero.*

Paulo Freire (2019a, p. 114)



RESUMO

Caminhar por entre encontros, acontecimentos, devires no cotidiano da educação infantil pode nos fazer pensar uma educação? De quais maneiras? Que outros modos se podem conceber para ser e estar no cotidiano da educação infantil? Que outras possibilidades atravessam uma professora e seus cotidianos? O que podem as crianças e suas imagens? Esta tese pretende movimentar pensamentos e criar perguntas *com* infâncias e seus fazeres. Para tanto, propõe uma experimentação com imagens realizadas por crianças numa escola pública municipal, na cidade de Sorocaba, SP. Parte da narrativa de uma professora-pesquisadora, atravessada por encontros, que propõe praticar um cotidiano *com* e *para* as crianças, num movimento acontecimental, intenso, de *co-ire* (Gallo), ir junto, não normatizando ou ditando suas ações, mas aprendendo com elas. Defende uma educação infantil que experimenta, explora, investiga, surfa em intensidades de criação; que se mostra aberta aos acontecimentos, que opera devires; que brinca em espaços sensíveis. Exercita o protagonismo infantil e, ao fazê-lo, escapa dos adultocentrismos. Abre-se para espaços de criação, considerando as intensidades do tempo aiônico, tempo da criança; e fissura aqueles cotidianos escolares que operam somente em tempo cronológico, fracionado, demarcado. Escolarizado. Deseja uma escola e profissionais da educação que sejam atravessados pelas experiências, sensíveis aos acontecimentos; que se deixem contagiar pelo devir-criança (Deleuze). Traz reflexões sobre outros modos de pensar cotidianos infantis para que, a partir deles, criem-se “inéditos viáveis” (Paulo Freire) através de fissuras, dobras, experimentando o imprevisível, o inesperado. Os encontros bibliográficos (Camargo) acontecem entre Deleuze e Guattari, Kohan, Deleuze, Schérer, Leite e Freire. Sem pretensão de concluir, a tese traz uma reflexão para as possibilidades de outros cotidianos *com*, *para* e *entre* crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Cotidiano escolar. Acontecimento. Devir-criança.

ABSTRACT

Can walking through meetings, events, becoming in the daily life of early childhood education make us think about education? In what ways? What other ways can be conceived to be and be in the daily life of early childhood education? What other possibilities does a teacher and her daily life go through? What can children and their images do? This thesis intends to move thoughts and create questions with children and their actions. For that, it proposes an experimentation with images made by children in a municipal public school, in the city of Sorocaba, SP. Part of the narrative of a teacher-researcher, crossed by encounters, who proposes to practice a daily life with and for children, in an eventful, intense, co-ire (Gallo) movement, to go together, not standardizing or dictating their actions, but learning with them. He defends an early childhood education that experiments, explores, investigates, surfs in intensities of creation; who is open to events, who works to become; who plays in sensitive spaces. It exercises childlike protagonism and, in doing so, escapes adult-centeredness. It opens up to spaces for creation, considering the intensities of ionic time, the child's time; and those daily school chores that operate only in chronological, fractional, demarcated time. Schooled. He wants a school and education professionals who are crossed by experiences, sensitive to events; to let themselves be infected by the becoming-child (Deleuze). It brings reflections on other daily children's ways of thinking so that, from them, "viable unpublished" (Paulo Freire) are created through cracks, folds, experiencing the unpredictable, the unexpected. The bibliographic meetings (Camargo) take place between Deleuze and Guattari, Kohan, Deleuze, Schérer, Leite and Freire. Without claiming to conclude, the thesis brings a reflection to the possibilities of other daily life with, for and among children.

Keywords: Child education. School life. Event. Becoming-child.

“ENTRE”

Crianças me convidaram a elas	29
“Entre” caminhos, lembranças, imagens, palavras	33
Professora, o que é isso?.....	58
Jacaré.....	61
O chão.....	62
Coisas diferentes.....	66
Conhecimentossignificações.....	69
Mudanças.....	73
Outras experiências.....	74
Imagem-Ritmo.....	76
Vai já pra dentro menino!.....	81
O homem da orelha verde.....	85
Escova.....	89
Reverberações (com Martins).....	90
Diálogos na Universidade.....	97
Vidas que se (re)encontram.....	98
Convite especial.....	101
Um cotidiano sob outro olhar.....	102
O que tem na sua sala?.....	109
Devires	113
Tempo (e o) cotidiano.....	125
Se você fosse você?.....	130
Criança que se dá a ver.....	133
Para fazer uma pesquisa-experiência.....	137
Metodologia: outros caminhos, outras experiências.....	138
Experiência: a escrita em tempos de suspensão.....	142
Paulo Freire num cotidiano.....	149

Acontecimento	153
Uma história.....	158
A câmera fotográfica.....	166
As imagens.....	177
“Entre” encontros-cotidiano-escolar.....	181
“Entre” crianças.....	189
Movimentando pensamentos.....	193
Dia 13.....	194
As fitas.....	198
Canção óbvia	209
“Entre”.....	210
REFERÊNCIAS	217

21 de agosto de 2017.

14h12min



14h13min

LISTA

CONTETA
 RODA
 BANGUEIRA

INÍCIO
 LANTANA
 TELHA
 LEXO
 DIBUJADO

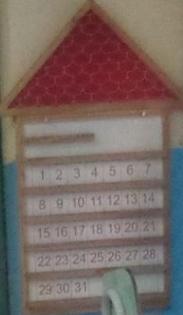
3. LAUCHO E ENCHER OS
 DENTES

4. DIBUJO, ADELA E
 LANTANA

5. LANTANA
 E CANA



1 2 3 4 5 6 7
 8 9 10 11 12 13 14
 15 16 17 18 19 20 21
 22 23 24 25 26 27 28
 29 30 31



14h14min



14h15min



14h16min



Borboletas me convidaram a elas.
 O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
 Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.
 Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta –
 Seria, com certeza, um mundo livre aos poemas. (BARROS, 2013, p. 55)

Crianças me convidaram a elas...

Caminhei *entre* crianças, imagens, acontecimentos, devires...

Me procurei e *me* encontrei por *entre* as imagens, cantando, dançando, refletindo, brincando, mediando, dialogando.

Me observo lá, as crianças me mostraram, me apresentaram, percebo agora ao percorrer o caminho trilhado *entre* momentos, lembranças, imagens.

As imagens trouxeram lembranças dos espaços, diálogos, a experiência que o momento me apresentava. O que pensávamos, conversávamos. Estávamos sorrindo, brincando.

As roupas já não existem mais, os espaços, os cabelos se modificaram e as crianças seguiram seus caminhos.

Deleuze (2011b, p. 83) nos diz que um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos e que “o trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem.” Ao caminhar por entre as crianças, um emaranhado de possibilidades, acontecimentos, devires cruzam o meio, afetam, batem cotidianamente.

Após a qualificação tive a oportunidade de rever, (re)encontrar a escrita povoada pelas sugestões e partilhas da banca e me vi num movimento de lembranças, idas e vindas, (re)escrita, (re)visitando espaços, imagens, crianças *entre* a pandemia da COVID-19 que ainda assola o Brasil, no cotidiano que se fazia presente.

As crianças me apresentaram outras possibilidades de estarmos juntas, presentes, sem ser na escola. O cotidiano prosseguiu, resistiu, aconteceu. Pulsamos, conversamos, experimentamos, no coletivo, nós.

Trago aqui a potência de uma professora-pesquisadora num cotidiano na educação infantil, por *entre* devires “em sua potência própria, a potência de um impessoal que não é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau, atingindo uma zona de vizinhança em que já não podemos distinguir-nos daquilo que nos tornamos”, como diz Deleuze (2011, p. 88).

A reflexão que faço agora, chegando ao final dessa caminhada é:

* e se eu tivesse tido outra postura frente ao acontecimento com a câmera?

* e se eu apagasse as imagens, dialogasse com as crianças para que não mais mexessem na câmera?

E se eu...e se eu...Reflexões que irão reverberar em meus pensamentos por algum tempo...

Minha *pesquisa experiência* apresenta possibilidades para *outrar* os cotidianos na educação infantil, pensar e criar para além daquele que está dado, marcado, determinado. Caminhar com as crianças, de mãos dadas com elas e se abrir para os atravessamentos, numa educação infantil que experimenta, explora, investiga, inventa, dialoga, brinca e que sejam espaços de criação.

Como diz Freire (2019a, p. 81) “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.”

Sigo esperançando.





“Entre” caminhos, lembranças, imagens, palavras

Antes de iniciar a escrita dessa tese, peço atenção às imagens, suas datas e horários.

No dia 21 de agosto de 2017, às 14:11 h. teve início o “caso da câmera”, que será narrado adiante com seus detalhes e pulsações que me levaram ao caminho de professora-pesquisadora. As imagens apresentadas na abertura dessa introdução foram os primeiros registros realizados pelas crianças, o primeiro momento do tempo em suspensão.

A partir desse movimento, onde as crianças pegam a câmera sem o meu conhecimento, perambulam com ela pela escola e depois colocam de volta no lugar com diversas fotografias/imagens, fui convocada a pensar. “Dizer, nomear, pensar o acontecimento é, num sentido amplo, ensaiar o nome da irrupção de uma fractura no real (Barcena & Vilela, 2006, p. 16)”. O meu real a partir daquele acontecimento se tornou outro, movimentou meu corpo, mente, pulsações outras em mim.

Ao permear a escrita com as fotografias/imagens, faço uma experiência apresentando a tese não apenas na linguagem escrita, mas também pelo olhar das crianças. Imagens que me apresentaram outros cantos, outros espaços até então desconhecidos, frestas, buracos no chão, parede, casulos, bichinhos, buracos em árvores, que aqui serão compartilhados.

Imagens essas que não possuem autoria, pois a câmera passeava pelas mãos das crianças, cada uma ao seu tempo, na sua vez, como elas diziam, sem discussões, disputas, algo dialogado, respeitado, uma brincadeira com diversos movimentos.

Seguimos...

No decorrer dos anos, pelos caminhos da tese, escrevi pequenos textos, soltos, nem sempre conectados uns aos outros, mas que eram o resultado de leituras e provocações do cotidiano. Chegou o momento de juntá-los, criando um corpo só, denso como uma tese. Ao iniciar essa união de escritas ficava a pensar em como juntá-las sem ficarem desconexas, descontínuas. Possibilidades me passavam, entre elas a (re)elaboração dessas escritas fazendo a junção das ideias permeando-as pelos atravessamentos do momento atual.

Refletindo sobre essas questões resolvi organizá-las e me desafiei no início de 2020 a fazer esse exercício: (re)escrever a tese.

Lancei-me ao propósito de (re)elaborar uma escrita que conseguisse narrar a pesquisa como experiência de uma professora pesquisadora durante seu percurso no doutorado, abordando os cotidianos e encontros *com* as crianças, *com* os adultos, *com* as leituras, *com* a tese, *com* a escrita.

Não foi algo simples, pois sabia que precisaria melhorar a escrita, ser menos econômica *com* as palavras, me encontrar *com* elas, senti-las, experimentar esse processo, como diz Godoy (2020). Mas confesso que não as encontrava; elas me faltavam; e talvez aqui deva me render a minha primeira formação que foi em Direito, porque nela aprendi a ser econômica ao narrar os fatos numa petição inicial.

Lancei mão de algumas estratégias durante esse percurso, entre elas a elaboração de um cronograma colocando como data para o início da (re)escrita o mês de dezembro de 2019, aproveitando assim as férias escolares. Organizei uma rotina de estudos na qual disponibilizava quatro horas diárias para pensar, refletir, ler e escrever. Iniciei bem, cumprindo rigorosamente meu cronograma, pois ao elaborá-lo o fiz numa tabela que foi impressa e afixada num quadro em meu quarto de estudos e ali acompanhava diariamente as atividades realizadas, anotando de maneira bem colorida e visível datas, leituras, ideias, sugestões, entre outras.



Av. Br. de Tatui
← Zona Sul
Campolim



Passei a observar que alguns dias eram bons, outros nem tanto e percebi que a empolgação foi passando e um cansaço foi tomando conta do meu corpo, da minha mente. Sem saber apresentei um quadro de exaustão, não conseguia estar atenta as leituras, as escritas e não dei conta do cronograma. Não era algo que estivesse relacionado com o momento atual, mas sim com o ano de 2019 que foi incrível em experiências e exigiu dedicação e entrega da minha parte, tanto física, emocional, quanto intelectualmente. Resolvi parar, dar um tempo, fazer um balanço sobre a vida, o cotidiano, os compromissos que havia assumido e decidi descansar um pouco mais, me afastar da tese e buscar outras formas de colaborar com a escrita aproveitando esse tempo de férias.

Criei então um caderno de registros caseiros, uma pequena caderneta onde anotava as ideias que apareciam em momentos de descanso, limpeza da casa, sono, passeando com o cachorro, entre outros, anotando palavras, trechos de lembranças, autores, conceitos, para não as perder ou esquecê-las. Me afastei também das redes sociais, grupos, trabalhos e só saía de casa para o necessário e indispensável.

Para o corpo e a mente, resolvi caminhar diariamente, o que foi ótimo porque descobri que o exercício pela manhã oxigena a mente e as ideias surgem, aparecem. Assim os dias se passaram, a escrita foi melhorando, minha saúde física e mental também, mas continuava em meu próprio retiro.

O tempo foi curto. Pelo meu cronograma deveria terminar ou pelo menos concluir a (re)escrita para a qualificação até o início de fevereiro de 2020, mas não consegui. Dos trinta dias de férias, dediquei 25, seis horas por dia e ainda assim não foi suficiente. Retornei para a escola, para as crianças, para o meu cotidiano, levando comigo a caderneta de anotações, mas a frequência da escrita diminuiu, assim como o tempo.

Em 2020 continuei com a mesma turma e o retorno foi alegre, feliz, com flores, brincadeiras, chocolates, histórias e o desejo de (re)encontrar as crianças. Não tive braços, colo, ouvidos, bochechas para todas, me contaram diversas novidades que as primeiras horas foram poucas, curtas e prosseguimos nos dias seguintes.

A escola estava passando por uma pequena reforma e algumas crianças observaram tudo atentamente e fizeram diversas perguntas como *o porquê estavam pintando a “nossa” escola; quem havia escolhido as cores; onde estavam os quadros que ficavam acima das torneiras;* dentre outras.

As crianças ainda não sabiam, mas tínhamos um novo diretor, Dr. Éder Rodrigues de Proença, meu colega de PPGE que concluiu o doutorado no ano de 2017¹ e que para recepcioná-las montou um mural com flores e escreveu a frase “bem-vindos, bem-vindas”. Observei que uma criança estava olhando fixamente para o mural e resolvi ir até ela para conversar. *O que está escrito?* me perguntou. Li para ela, que continuou: *quem escreveu isso?* Falei que era o Eder, e ela me disse: *mas é para ele, porque é ele que está chegando na minha escola!*

Você pensaria nisso? Eu não, em momento algum me passou pela cabeça essa ideia, mas depois entendi que ela estava na escola *dela*, foi ele quem chegou, ela já estava lá.

Num outro dia, em nossa sala, uma criança montou uma cabana de praia, com guarda-sol, tecidos, cadeira de praia; e então saiu da sala correndo, chamou o Eder, mostrou a cabana, contou que estava na praia, deu detalhes sobre os materiais, sua elaboração e ele disse que estava lindo, legal e perguntou se poderia brincar e no mesmo instante ela respondeu que não, era só para ele ver e pediu para que ele saísse da sala. Olhei para ele e disse: os estrangeiros somos nós.

¹ PROENÇA, Eder Rodrigues. **Pedagogia do Subterrâneo: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares.** 2017. 343 fls. Doutorado em Educação. UNISO – Universidade de Sorocaba.





O que nos colocam a pensar essas falas, diálogos, movimentos? O que nos potencializam a pensar sobre educação? E sobre as crianças e as infâncias?

Dúvidas, reflexões, questionamentos, atravessamentos que me levaram a pesquisar, a estudar, a aprofundar as leituras iniciando por Deleuze & Guattari (2012), autores esses que conheci através dos estudos para o mestrado, mas que agora me proporcionavam outras possibilidades, outros entendimentos.

Ao realizar as leituras, me dedicava na busca pelo entendimento, equivocando, das palavras, dos conceitos que apareciam, mas que em alguns momentos me deixavam perdida. Então, nesses momentos, parava, marcava e retornava, sucessivamente. Decorridos vários dias, após algumas pesquisas, iniciei a leitura do dicionário de Deleuze (Zourabichvilli, 2004), o que me trouxe algum alento e observei que outros caminhos, outros pensamentos me atravessavam. Novamente busquei estratégias para o percurso entre os conceitos e a tese, passando a escrever os mesmos num papel, depois os fixava num quadro e prosseguia com a leitura. Fiz, refiz esse caminho inúmeras vezes, em horários diferentes para me perceber, me entender. Com o passar dos dias as ideias foram amadurecendo, os sentidos ficando mais aguçados, detalhes foram sendo observados, o que num tempo anterior seria impensável para mim.

E assim, caminhando atenta aos detalhes, experimento outro encontro, desta vez com conceitos musicais que me levaram a uma lembrança antiga, de um outro momento. Memórias. As palavras *ritornelo* e *intermezzo* localizadas no livro de Deleuze & Guattari (2011, vol. 1, p. 17) acompanhadas por um desenho, uma partitura musical, com seus símbolos diversos, trouxeram uma proximidade que me fizeram parar a leitura e buscar meus antigos livros de música que estavam guardados, velhos, amarelados em minha estante. Ao folheá-los lembrei um tempo de estudos das teorias musicais no curso de piano que frequentei nos anos 1980, em Maringá, no Paraná.

Momento de lembranças, memórias de um tempo criança, meu tempo criança. A cada página uma recordação, um recado anotado, a letra caprichada, as notas das provas, o lembrete sobre a postura no banco do piano, do posicionamento das mãos ao tocar, da professora estalando os dedos e contando o tempo dos exercícios, das observações pontuais da pianista que era a dona do conservatório, do longo corredor entre as salas que desembocava na sala dela de onde a mesma acompanhava os estudos. Me aventurei naquele momento com a música, teorias, solfejos, partituras. Retornei, algum tempo depois para a tese, não mais como antes, agora, transbordando memórias.

Mesclando memórias, leituras, músicas, partituras, escrevo e ao fazer esse movimento me encontro *com* o cotidiano, *com* as crianças, *com* as infâncias, *com* as palavras, *com* os conceitos, *com* a tese.

E de que tese estou a falar? Do cotidiano que passei a experimentar, a pesquisar *com* as crianças.

Partilhando esse cotidiano com as leituras em Deleuze & Guattari (2011; 2012) experimento a aproximação *entre* leitura, vida, cotidiano, acontecimentos, devires. Blocos de infância, que com o passar do tempo e da escrita se tornam fortes e presentes; algo que me passou, na pele, atravessou.

Ao experimentar esse processo, em alguns momentos a insegurança me rondava, me preocupava e num deles, talvez pelo fato de ter folheado os livros de música, outra lembrança emergiu, outra memória - o caminho do sítio dos meus tios. Sim, me lembrei exatamente do caminho: era uma estrada de barro muito vermelho, com várias lombadas que, de acordo com eles, evitavam a erosão que as chuvas causavam. Me lembro que ao percorrer esse caminho sentia um frio na barriga a cada lombada vencida. Minha sensação era como estar flutuando no ar, como se tivesse asas, mas logo em seguida caía e então, ficava naquela ansiedade aguardando a próxima e assim por todo o caminho. Poucos segundos no ar, entre a subida e a queda, suspensão do tempo. Percorrer esse caminho, mesmo que através de lembranças, memórias, trouxe a mim o fio condutor para a escrita e é por ele que resolvi caminhar.





Entre lombadas, tempos em suspensão, quedas, isolamentos, anotações em cadernetas, férias, retorno, cronograma, caminhadas, percorri os caminhos aventureiros dessa tese para escrever sobre os acontecimentos, devires, presentes em meu cotidiano com as crianças. Cotidiano esse imprevisível, potente, que me fez “prestar atenção” nele, como dizem Barcena & Vilela (2006), a partir de um “acontecimento”, uma “suposta” traquinagem de criança que para mim foi algo maior.

Com o passar dos dias e recebendo as imagens das crianças, passo a refletir sobre a utilização das fotografias nos relatórios e planejamentos, que insistiam em comprovar um trabalho pedagógico realizado com a criança, como bem salienta Wunder (2008) *fotografias-registro*: que teimam em provar algo.

Trago essa discussão para a tese, pois as crianças desfizeram essa ideia ao apresentar outro cotidiano com bocas, pés, machucados, buracos, brincadeiras, vultos e isso era o que elas faziam, do que brincavam, o real delas, a partir delas.

E os diálogos prosseguiam, a rotina, antes planejada por mim, se tornou *nossa*, uma partilha diária, com sugestões a partir do nosso primeiro momento na escola juntos, a roda. Nesse momento, dialogávamos sobre assuntos diversos como sobre a sobrevivência das formigas em nosso parque; a razão de outra criança ter arrancado a arvorezinha que havíamos plantado; sobre a “minha escola”, onde fui questionada sobre o que eu fazia quando não ia para a escola (quando eu me ausentava para frequentar as aulas no doutorado), ou sobre a razão de uma criança ter pisado na borboleta para matá-la intencionalmente.

Durante esses momentos permanecia em silêncio. Era como se o universo estivesse conversando comigo, tudo ao mesmo tempo, não conseguia processar todas as falas, não estava preparada para os diálogos, os questionamentos, as descobertas que estavam ao meu redor. Buscava ouvir, refletir e não interferir.

Retornava para casa exausta, mas entusiasmada com o turbilhão de falas e imagens para pensar.

O percurso por esse cotidiano me fazia sentir como no caminho do sítio, repleto por lombadas, frios na barriga e tempos suspensos, mas havia algo mais, interno, potente, forte.

Então, me percebo num *devir* que Deleuze & Guattari (2012) conceituam como:

[...] Devir não é certamente imitar, nem se identificar; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a “parecer”, nem “ser”, nem “equivaler”, nem “produzir” (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 20).

Para os autores devir é um processo do desejo e isso é algo muito particular, pois ao se aproximar da *zona de vizinhança*, um movimento toma conta de toda a partícula e então nos aproximamos daquilo que estamos em vias de devir e devimos. Penso que ao estar *com* as crianças e percorrer *com* elas esse caminho cotidiano repleto de possibilidades, sensações outras, algo me atravessa, me movimenta. Então, ingresso na zona de vizinhança e acabo por devir, um devir-criança, extraindo da idade que se tem as partículas, as velocidades, lentidões, os fluxos que constituem a criança.

Sentia na pele a curiosidade tomando conta de seus corpos e mentes frente a descoberta de algo novo, o desejo em experimentar a lagarta andando pelo braço, a vontade em pular numa poça d'água, saltar do balanço em movimento. Um cotidiano repleto de desejos, descobertas, diálogos, desafios, movimentos. Imagens que me atravessavam.

Kohan (2007), um dos estudiosos em Deleuze & Guattari (2012) assim define devir-criança:





Não se trata de nos infantilizar, de voltar à nossa tenra infância, de fazer memória e reescrever nossa biografia, mas de instaurar um espaço de encontro criador e transformador da inércia escolar repetidora do mesmo. Quem sabe, tal encontro entre uma criança e uma professora ou entre uma criança e outra criança ou, ainda entre uma professora e outra professora possa abrir a escola ao que ela ainda não é, permita pensar naquilo que, a princípio, não se pode ou não se deve pensar na escola, e fazer dela espaço de experiências, acontecimentos inesperados e imprevisíveis, mundo do devir e não apenas da história; tempo de *aión*, e não somente de *chrónos* (KOHAN, 2007, p. 98).

Momentos vivos, únicos, inesperados, inusitados. Acontecimentos. As crianças me conduziam às experiências, em alguns momentos negadas por mim e vividas por elas. Não eram lembranças ou memórias de uma criança que um dia fui, era algo novo, que envolvia os sentidos, que me atravessava. Idas, vindas, pele.

E nos momentos de reflexão, dúvidas surgiam e questões rondavam meus pensamentos: como narrar esse cotidiano? E o diálogo com as famílias? E o trabalho que não é considerado convencional ou tradicional para a comunidade escolar? E o currículo? E a burocracia, os papéis?

Sabia que não poderia retornar ao passado, pois me negaria a formatar o cotidiano para caber na caixa da burocracia; precisaria fugir disso ou, como diz Gallo (2002), fugir da educação maior, dos grandes mapas e projetos. E o cotidiano prosseguia, mesmo com as dúvidas, acertando aqui, desencontrando acolá, acompanhando as crianças, movimentando os espaços, as pessoas, a rotina.

Ao ser conduzida pelas crianças, busco experimentar um cotidiano num *co-ire* que implica, como diz Gallo (2015, p. 16) ir junto, não normatizando e ditando suas ações, mas aprendendo com elas, entrando, com elas, num devir-criança que abre possibilidades de investir contra o mundo adulto. Poderíamos aqui pensar num currículo *co-ire*, numa burocracia *co-ire*, numa educação infantil *co-ire*.

E por esse caminho cotidiano cores, tecidos, materiais diversos, experimentações foram surgindo e me levaram a um outro momento nessa pesquisa: encontros *com* estudantes, auxiliares, professoras, diretoras, orientadoras, dentre outras que aconteceram em momentos e lugares diferentes como escolas, faculdades e em modalidades diversas como: reuniões pedagógicas, aulas em pós-graduação, ciclos formativos, oficinas, aulas de graduação, colóquios, congressos, seminários e no decorrer da pandemia, encontros *online*, via internet.

E por falar em pandemia, suspendemos o tempo com a sua chegada.

A pandemia da COVID-19, doença causada pelo vírus SARS-Cov-2 vem assolando o Brasil e o mundo², causando a suspensão das aulas e o fechamento das escolas no Estado de São Paulo a partir de março de 2020.

O isolamento foi necessário, a escola fechada e agora? Sensações outras que transpassaram o meu corpo, a minha mente, uma nova *experiência*.

Trago para a tese a potência desse momento, os movimentos, pensamentos, a experiência que foi revisitar as imagens, o processo para não travar. Foi um longo caminho, com idas, vindas, poesias, choros, alegrias, tristezas.

Histórias sendo vividas, experimentadas, nesse momento, nessa pandemia, nesse isolamento, com o vírus lá fora. Já sabemos que a escola não retornará³ presencialmente, continuaremos *online*, por diversas formas.

² Informações e dados disponíveis em: <https://www.paho.org/pt/covid19>

³ Disponível em <https://noticias.sorocaba.sp.gov.br/prefeitura-determina-retorno-das-aulas-presenciais-da-rede-municipal-para-2021/>





E por esse caminhar, revisito Paulo Freire (2019a) depois de 30 anos, partilhando junto a ele a esperança, *esperançar*, como na epígrafe, pedindo licença e fazendo uma leitura da pedagogia do oprimido sob a ótica da educação infantil, das crianças, refletindo sobre a *práxis libertadora* (Freire, 2013). Faço uma leitura lenta, com o tempo suspenso pela pandemia, algo denso e potente.

Pelo caminho cotidiano visito o *inédito-viável* (2019a, p. 130) entendendo que para sair daquele emaranhado de “situações-limite” que me acompanhavam, precisaria construir outras possibilidades para assim não mais retornar ao que era e nem mais me adaptar ao que tinha. Cheguei na fronteira, como diz Freire (2019a, p. 130) “entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser”. Fui em busca do *ser-mais*.

E por esses caminhos trilhados, decido escrever, acompanhada por um turbilhão de emoções que as inquietações do cotidiano *com* as crianças me apresentam. pulsações de vidas, de conflitos, dia após dia, momento após momento, encontro após encontro. A cada grito, alegria, sorriso, imagens oferecidas pelas crianças, algo em mim pulsava, atravessava, batia, dentro e fora, cada vez mais forte.

E *entre* o cotidiano e a experiência, partilharam comigo ideias, conceitos, reflexões Deleuze & Guattari (2011, 2012), Kohan (2007, 2011, 2015), Deleuze (2011a,b), Schérer (2009), Leite (2015, 2018, 2019) e Freire (2013, 2019a, 2019b).

No primeiro encontro desta tese apresento o processo de escrita “*entre* caminhos, lembranças, imagens”, os inícios e os (re)inícios, escritas e (re) escritas, as estratégias lançadas para que essa também fosse uma experimentação; que a cada palavra, a cada pesquisa, a cada conceito, outras possibilidades as atravessassem e trouxessem um novo pensar, um novo percurso.

Trago também o meu percurso formativo narrando as possibilidades e experiências a partir dos meus estudos e pesquisas. Tais experiências enriqueceram o meu cotidiano, em lugares diferentes, com públicos diversificados, estudantes de pedagogia, professores das redes públicas, profissionais de outras áreas que possibilitaram outros olhares, outras perspectivas, outras reflexões.

No segundo encontro, “devires, *entre* cotidiano, tempo, crianças, pesquisa, experiência”, o caminho metodológico que trilhei *com* Leite (2018) Chisté (2015) e Camargo (2019) da Universidade Estadual Paulista – “Júlio de Mesquita Filho”, *campus Rio Claro* e o “inédito-viável” de Paulo Freire (2013, 2019a, 2019b), que contempla minha busca por uma nova forma de pensar a educação a partir de uma *práxis libertadora*.

Acontecimento, por *entre* apresento o terceiro encontro desse caminhar onde faço a narrativa de um cotidiano que pulsa com a movimentação das crianças, a câmera e suas imagens, bem como três narrativas de encontros com crianças. Movimento pensamentos com a pandemia em curso, trazendo pequenos recortes de escritas.

Ao final, no quarto encontro, reforço a defesa de um cotidiano *com* e *para* as crianças, num *co-ire*. Penso uma educação infantil que experimenta, explora, investiga; que se mostra aberta aos acontecimentos, que opera devires brinca em espaços sensíveis. Exercita o protagonismo infantil, sem adultocentrismos. Abre-se para espaços de criação, num tempo *aiônico*, que é o tempo da criança, e não apenas no tempo *cronológico*, fracionado, demarcado. Escolarizado. Deseja uma escola e profissionais que sejam atravessados pelas experiências, acontecimentos, devires, *devir-criança* (Deleuze). Para além das lembranças da sua criança, consigam extrair a potência e pulsar as partículas dessa fase, no corpo que se tem, no tempo em que se está. Para que nesse cotidiano, aconteça a reflexão sobre outros modos de pensá-las e que a partir deles criem-se seus “*inéditos viáveis*” (Paulo Freire) através de fissuras, dobras, escapando assim do “*previsível e esperado*”.





Numa tarde, próximo ao horário de saída, as crianças retornavam para a sala numa onda de correria, cansaço, brincadeiras, suor, tristeza, euforia.

Observo o movimento e vejo que M. não subiu, continuou sua brincadeira na areia.

Vou até ela e digo que já está na hora de irmos para casa.

Ela não responde, nem mesmo olha para mim.

Repito a frase e ela se levanta limpa as mãos em suas roupas e com a voz embargada diz:

- Porque os adultos sempre atrapalham as brincadeiras das crianças, porque, por quê?

O caminho para a sala se tornou pesado, triste, com um choro ao fundo que doeu profundamente em mim.

A pergunta ecoa em minha mente, o choro, em meu coração! (M. 4a.11m.)

Professora, o que é isso?

O que é isso, pergunta V.

- Não sei, respondo.

- Tá bom, vamos descobrir, não se preocupa tá professora?

- Posso descobrir junto? pergunto.

- Tá bom, mas eu começo.

Descobrimos juntos que era um zíper estragado. (V. 4a.2m.)

As crianças experimentam. Com seus olhares curiosos, atentas, perambulam pelos espaços buscando algo para conhecer, descobrir. E isso as movimenta, as une.

Ao caminhar *com* as crianças, dialogando, interagindo, brincando, passei a sentir curiosidades, inquietações que me levaram pelos espaços, a observar bichinhos, pela parede, natureza, pessoas. Percebi que partilhando esses momentos, as dúvidas vinham acompanhadas pelas descobertas e a pesquisadora em mim (re)nasceu.

O olhar atento e curioso delas para o cotidiano e o que nele acontece é um desafio constante, diário. Suas inquietações, observações, questionamentos nos tiram do lugar comum, do conforto das certezas, nos movimentam, intrigam, instigam.

Vamos caminhar um pouco por esse *sinuoso barulhento cansativo colorido alegre inusitado emocionante ansioso angustiante vívido percurso*, repleto de dúvidas, experiências que aqui partilharei.



Jacaré

- *Warrrrrrr*, um grito.
- O que está acontecendo embaixo da mesa? pergunto;
- *Aqui mora um monstro que protege você dos inimigos*, responde M.;
- Que monstro? pergunto;
- *Um jacaré, ué*, responde;
- *Ninguém pode chegar perto da mesa que o monstro sai e faz warrrrrrr*. (M. 3a.8m.)

As crianças brincavam sob a ‘mesa da professora’, que era grande, antiga e pesada. O diálogo acima foi precedido por uma cena em que M. se senta na cadeira, coloca a mão na cintura e começa a dar ordens com o dedinho em riste, como se imitasse alguém a falar e a gesticular.

Observei e passei a refletir sobre o espaço frequentado pelas crianças, que é cuidado, organizado e preparado pelo adulto; a ‘mesa da professora’ é um móvel comum nas escolas, nas salas, com formatos diferentes, pesos, medidas, cores.

Minhas lembranças de aluna e criança logo apareceram e me recordei das ‘mesas das professoras’ que encontrei pelo caminho, intocáveis, utilizadas apenas por elas e sem acesso às crianças. Minha mãe era professora na escola em que eu estudava, e por essa razão, ao final das aulas ficava esperando-a sair para irmos embora. Era o momento de limpeza das salas que já estavam desocupadas e eu entrava para brincar e me lembrei que fazia a mesma coisa que M. fez na sala, de mão na cintura e dedo em riste. Só não estava lá na minha memória o jacaré.

Essas lembranças e reflexões duraram minutos, voltei 40 anos e me encontrei numa cena semelhante, só que dessa vez na minha infância.

O chão

Vamos nos sentar na roda, nossa primeira ação do dia.
Um burburinho, conversas truncadas, um choro.

- O que houve por aí? Pergunto.

- *A L. disse que você vai se sentar do lado dela, mas eu já guardei um lugar aqui para você*, diz A.
chorando.

D. se levanta e diz: *Professora, vem sentar aqui comigo?*

- Tudo bem se eu me sentar com D.?, pergunto.

As duas respondem que sim e se juntam na roda.

Começamos nossa tarde.

Retornando para os diálogos *com* as crianças, esses aconteciam no chão, desde que os experimentei e senti a aproximação *com* as crianças, seus olhos, sapatos, pés, meias, mãos mexendo em meus cabelos, abraços sem fim e que me levariam a entender o quanto é delicadamente importante essa proximidade física, tanto para elas, quanto para mim.

As reflexões amparadas pelas lembranças, memórias me trouxeram o entendimento de quanto a 'mesa da professora' nos afasta dessas sensações, nos tira essas percepções, afagos, momentos, pois ficamos isoladas num móvel, com muitas pernas e gavetas que nos afastam e nos remetem à lembrança de uma *trincheira de salvação*. Digo isso porque essa proximidade com as crianças me fez participar de diálogos, discussões e brincadeiras que não poderia imaginar ou experimentar se não fosse o gesto de me sentar no chão, na cadeirinha, no tapete, no banquinho. Passei a observar bichinhos, pisos imperfeitos, azulejos limpos, sujos, marcas de sapatos, cheiro de produtos de limpeza, areia. Um universo a parte, bem perto de mim e ao mesmo tempo tão longe.





Quando M. sai debaixo da mesa imitando um jacaré, alegando a defesa da professora de seus “inimigos” fico a pensar em quem seriam os tais inimigos ditos por ela, já que naquele espaço havia crianças brincando, interagindo. Quem deveria ser expulso das proximidades da trincheira? Quem mantém a professora afastada deles, a salvo em seu espaço?

Coisas diferentes

Dias desses, as crianças estavam no parque brincando e uma delas chega para mim e diz:

- Ana, pegamos cola na sala tá?

- Sim e o que vocês estão fazendo?

- Estamos inventando coisas!

Fiquei a pensar o que seriam as “coisas”, mas não perguntei.

Ao caminhar pelos espaços, observo uma movimentação e elas me dizem que estão procurando “coisas diferentes” pela escola.

Quando chego na casinha, um outro espaço, vejo outro grupo de crianças sentadas no chão com diversos materiais como papéis de secar as mãos, lápis, folhas, um elenco de “coisas”, além da cola, vários tubos de cola.

Procurei passar ao lado para tentar ouvir o que diziam, sem tirar a atenção delas da conversa e do “trabalho”.

Voltei até minha sala e peguei a câmera para registrar os momentos, mas o grupo já havia se movimentado para outro local e lá se dividiram em dois: um coletava o outro realizava a colagem.

Continuei a observar e passei a assistir uma criação coletiva, uma organização belíssima, onde cada criança partilhava ideias e ações e o “trabalho”, assim nomeado por elas, foi ganhando vida, colorido, diverso, plural, democrático. Os diálogos sobre a colagem do objeto na folha, a cor, o tamanho eram recheados de falas, ponderações, brigas, desistências, insistências.

A cada material colocado havia um tempo para reflexão, elas paravam, olhavam e perguntavam: como está ficando?

Nenhum comentário era dirigido a mim, somente entre elas, as crianças, todas, não somente as que estavam participando do “trabalho”.

Nosso tempo foi acabando, o “trabalho” finalizado e a decisão sobre quem levaria para casa foi amplamente dialogado sob a base de que era de todo mundo e por essa razão seria dividido e assim definiram quem iria levar, sem a minha participação ou intervenção.

Durante essa observação fiquei com uma dúvida e então me aproximo de uma das crianças e pergunto sobre porque fazer “coisas diferentes” e ela me responde:

- A gente não faz isso em casa é só aqui na escola e minha mãe disse que a gente só faz “coisas diferentes” aqui.

Não consegui ficar com os trabalhos, mas consegui fazer o registro das “coisas diferentes”.

Novembro/2017





Conhecimentossignificações

Na companhia das crianças experimento um outro cotidiano, possível, potente, significativo, *pesquisante*, que me apresenta a outras possibilidades de práticas pedagógicas. Caminhos cotidianos que uniram conhecimento e prática, *conhecimentossignificações* (Alves, Ferraço, Gomes, 2019) permeados por respostas, inquietações, *coisas diferentes* que me levaram a experimentar outros modos de existência nesses *espaçotempos* vivos da escola.

Desconstruir práticas, pensamentos, falas, posturas, da formação consolidada em mim não foi fácil, era um processo diário, cotidiano, apoiado nas leituras e estudos realizados no percurso da pesquisa. Momentos confortáveis, outros nem tanto, o cotidiano batia em mim com força nas reflexões e atravessava nas experiências, nos devires presentes neles, *espaçotempos* de acasos, de multiplicidades e de diferenças à medida em que ia tecendo novas formas de entendimento. (Alves, Ferraço, Gomes, 2019).

O tempo foi passando e eu caminhando num *conhecimentosignificação* onde crianças e infâncias brincavam, experimentavam, dialogavam, compunham o espaço interno e externo, permeado pelo vai e vem, com poesia, na potência.

Passei a experimentar um caminho *entre* o já dado e o ainda não dito, como diz Leite (2019), buscando fazer circular os afetos e os modos de me colocar nas relações com as crianças, com a educação.

Caminhando, amadureci e experimentei outra docência.

M. chega na escola, senta-se na mesa de desenho.

Cuidadosa com a folha, escolhe delicadamente cada cor de canetinha para o desenho.

Termina e solicita fita crepe.

Recorta pedaços de fita e cola seu desenho em meu armário.

Olha para mim e diz:

- *Vou embora para outra escola, mas vou deixar meu desenho para você lembrar de mim.*

- E o que você desenhou? Pergunto.

- *Eu vestida de bailarina, você me olhando e a escola com um coração.*

Que lindo! Disse para ela.

Ela me pede, então, para que eu abaixe, para me contar um segredo e diz no ouvido:

- *Profe, se eu não gostar da outra escola eu volto pra cá tá bom?* Disse ela se despedindo. (M. 4a.11 m.)

Na semana seguinte, a escola foi fechada em virtude da pandemia do COVID-19 – março 2020







Mudanças

Caminhando, me deparo com a necessidade de mudanças. São necessárias, bem-vindas para a vida profissional e pessoal, então iniciei o ano de 2017 numa nova escola, após permanecer por 11 anos na mesma unidade. Percebi que já era chegado o momento de experiências outras, conhecer novas comunidades, outros locais, novos desafios.

Nesse mesmo ano dou início ao doutorado retomando as disciplinas e o grupo de estudos, devidamente autorizada pela Prefeitura após anos de estudos e reivindicações internas para a participação dos docentes em cursos de pós-graduação – mestrado e doutorado.

Prossegui na linha de pesquisa cotidiano escolar, pois, permanecia em mim a inquietude em continuar a pesquisar, indagações e reflexões pulsavam. E assim prossegui, desafiada pela nova escola, em busca de outras práticas.

Pesquisando e caminhando, fragmentos de diálogos na escuta das crianças me atravessam. Outros encontros começam a acontecer, dessa vez com os adultos, que me fizeram retomar o caminho do sítio: lombadas pela frente, frios na barriga, tempo em suspensão e surpresas.

Outras experiências

Numa tarde, no parque...
- *Professora, vou contar uma história.*
Outra criança se aproxima:
- *Mas precisa fazer de conta.*
A outra responde:
- *Não, vai ser de verdade.*
- *Tá bom. (ME. 4a. e M. 4a.)*

Após a conclusão do mestrado, em 2017, recebi alguns convites para diálogos, em rodas de conversa e oficinas com professoras, gestores, dentre outros profissionais que ampliaram meu repertório enquanto professora pesquisadora.

Caminhar por esses locais e por variados encontros foi algo interessante e enriquecedor, pois conheci outras unidades, outros espaços e pude refletir a cada um deles sobre a minha pesquisa, a minha escrita, a sua contribuição para a educação infantil, para as professoras, para as crianças, algo que eu ainda não tinha feito.

No ano de 2018, recebi um convite para ministrar aulas num curso de pós-graduação de educação infantil, sendo essa a minha primeira experiência no ensino superior. O grupo era formado por professores e professoras, em sua grande parte de uma escola particular, outros de escolas públicas da região, interessadas na pesquisa e prática cotidiana com as crianças.



IMAGEM-RITMO

Três olhares

Linda árvore, uma pitangueira antiga, com seus troncos desenhados, emaranhados...

A cerca ao fundo trouxe a lembrança das portas e grades resgatadas por Boff (2014, p. 38) questionando se o espaço físico das escolas institucionaliza as crianças com a finalidade de enquadrá-las em comportamentos idealizados, desfavorecendo a circulação dos que ali interagem, impondo limites e dificultando sua autonomia.

- *Professora, tá vendo ali ó?* Algumas crianças apontam o dedo para a cerca.

- Sim estou, o que tem ali? Respondo.

- *Nossas bolas rasgam naquela coisa pontuda e ficam presas!*

Concertina instalada no muro do vizinho da escola.

Nesse mesmo ano o grupo de pesquisas Ritmos de Pensamento⁴, do qual faço parte desde o início, desenvolveu, em parceria com o Sesc-Serviço Social do Comércio – Sorocaba, o segundo curso Educação pelo Envolvimento (voltado para a formação de educadores ambientais com a temática principal Criança e Natureza), para o qual sou convidada a realizar uma oficina.

Antes de continuarmos com mais uma experiência, peço um tempo e trago uma reflexão: de que diferentes formas podemos ser em grupo?

Pertencer a esse grupo, participando das discussões, exercitando leituras, oficinas, atividades culturais, pesquisas, diálogos, me fez adentrar e experimentar outras possibilidades de pensar educação, inéditas para mim. Saber que dúvidas, inseguranças, desabafos poderiam ser recebidos, partilhados e dirimidos naquele espaço plural, democrático, generoso, acolhedor, trouxe afeto e pertencimento.

Existimos e (re)existimos coletivamente compondo múltiplos olhares, falares, andares. Partilhamos músicas, danças, desenhos, artes, poesias, comidas, experimentando explosões de sabores, cores, aromas, dialogando com outras culturas, cidades, instituições. Ritmamos pensamentos pelo mundo. Encontros na biblioteca, salas, auditórios, laboratórios, cantinas, *online* foram repletos de atenção, intensidade, coleguismos, e deram o tom para ser e estar em

⁴ Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (GREeCE) se insere na linha de pesquisa Cotidiano Escolar do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (PPGE/Uniso) e foi criado em agosto de 2016. Pretende reunir conceitos e pesquisas que abordam as dimensões ético-estético-políticas da arte e da cultura, criando combinações que possibilitem ampliar visões de mundos nascentes. O grupo se desenha como coletivo que estuda, pesquisa e produz pensamentos e artefatos culturais na universidade estabelecendo conexões entre a pesquisa acadêmica e as áreas da cultura, arte e educação, de modo a sintonizá-las num ritmo próprio, desenvolvendo para isso ações que andarilham outros espaços.

grupo de diferentes formas e modos. A potência das ações e intervenções nos cotidianos realizadas, foram narradas e documentadas na dissertação de Martins (2019), “Ritmos de Pensamento: rastros de cotidianos-educação.”

Retornando ao curso “Criança e Natureza”, minha oficina trouxe o cotidiano com as crianças buscando refletir sobre infâncias. Essa experiência foi um marco em meu caminho, pois a potência das discussões deixou lembranças afetivas, carinhosas, e abriu outras possibilidades de trabalho e pesquisa.

Por ser a minha primeira oficina, planejei e preparei detalhadamente, pois estava preocupada, não sei por que, com a recepção das pessoas. Então, com o planejamento super detalhado em mãos, organizei os materiais e a logística.

No primeiro dia pela manhã iniciamos a conversa sentados no chão, em roda, com as apresentações individuais e diálogos, mas confesso que estava nervosa e quase não conseguia prestar atenção nas falas. Parei, respirei e comecei a observar o ambiente, as pessoas, suas reações, falas, gestos, movimentos.

No decorrer da oficina, solicitei aos participantes que fizessem um registro das memórias de infância (como foi a sua infância?), daquilo que lembravam e depois, quem assim o desejasse, nos apresentasse seu registro. Os relatos vieram impregnados pelos sentimentos que aquelas lembranças trouxeram, individualmente, sobre o sítio do avô, o quintal da casa, as brincadeiras com os amigos, viagens com a família, a árvore em que balançava e voava na imaginação.

Os participantes se *intimaram* com a vida, como diz Piorski (2016), experimentaram e transfiguraram o mundo fazendo com que isso repercutisse em seus movimentos, desenhos, registros. A fala embargada de alguns ao apresentarem seus desenhos, as lembranças que afloraram os levaram a outro momento: a leitura do poema de Pedro Bandeira (2002), *vai já pra dentro menino!*





Vai já pra dentro menino!
Vai já pra dentro estudar!
É sempre essa lengalenga
Quando o que eu quero é brincar...
Eu sei que aprendo nos livros,
Eu sei que aprendo no estudo,
Mas o mundo é variado
E eu preciso saber tudo!
Há tempo pra conhecer,
Há tempo pra explorar!
Basta os olhos abrir,
E com o ouvido escutar.
Aprende-se o tempo todo,
Dentro, fora, pelo avesso,
Começando pelo fim
Terminando no começo!

Se eu me fecho lá em casa,
Numa tarde de calor,
Como eu vou ver uma abelha
A catar pólen na flor?
Como eu vou saber da chuva
Se eu nunca me molhar?
Como eu vou sentir o sol,
Se eu nunca me queimar?
Como eu vou saber da terra,
Se eu nunca me sujar?
Como eu vou saber das gentes,
Sem aprender a gostar?
Quero ver com os meus olhos,
Quero a vida até o fundo,
Quero ter barros nos pés,
Eu quero aprender o mundo!
(BANDEIRA, 2002)

Momentos alegres, risadas, lembranças de tempos infantis, *sonhos de intimidade* (Piorski, 2016), dia de reflexão, adultos brincando com materiais, desenhos, lembranças, se divertindo com as memórias da sua criança, infâncias e lembranças.

No dia seguinte, pela manhã, nos dirigimos ao espaço do teatro que foi cuidadosamente preparado, organizado, por diversas mãos, corpos, movimentos, afetos, partilhas dos *ritmeiros* e *ritmeiras* (participantes do grupo Ritmos).

Iniciamos nosso encontro com a leitura de Gianni Rodari (1997).





Um dia num campo de ovelhas
Vi um homem de verdes orelhas
Ele era bem velho, bastante idade tinha
Só sua orelha ficara verdinha
Sentei-me então a seu lado
A fim de ver melhor, com cuidado
Senhor, desculpe minha ousadia, mas na sua idade
de uma orelha tão verde, qual a utilidade?
Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda
De um menino tenho a orelha ainda
É uma orelha-criança que me ajuda a compreender
O que os grandes não querem mais entender
Ouço a voz de pedras e passarinhos
Nuvens passando, cascatas e riachinhos
Das conversas de crianças, obscuras ao adulto
Compreendendo sem dificuldade o sentido oculto
Foi o que o homem de verdes orelhas
Me disse no campo de ovelhas.

(RODARI, 1997)

E os diálogos começaram, com especial atenção sobre os múltiplos papéis dos adultos nas relações com as crianças. Iniciando pelos relatos dos e das participantes, essa escuta se mostrou permeada por uma rica troca de experiências e debates; esses momentos de reflexão culminaram na experimentação dos materiais dispostos no palco, materiais esses pertencentes a minha sala, oriundos do meu cotidiano com as crianças.

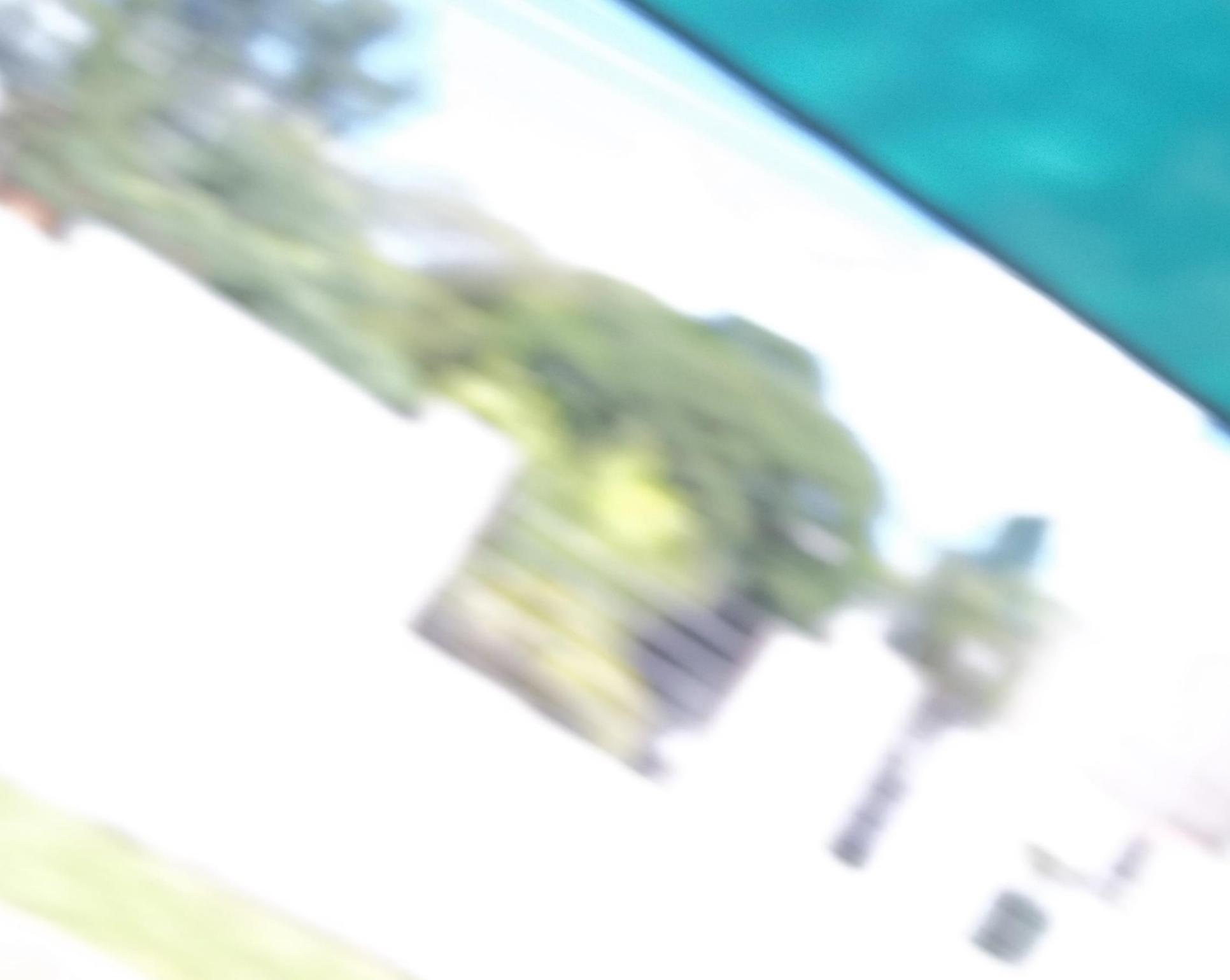
No decorrer das experimentações, surgiram algumas questões relacionadas com a sujeira que aquele material faria; se não tinha problema fazer qualquer coisa; se deveriam fazer algo bonito; entre outras. Estranhei, pois as crianças não perguntam, simplesmente se entregam ao momento, ao seu tempo, à sua maneira. Observei que a única criança presente, filho de uma das participantes, estava lá, em seu momento brincante primeiro observando os materiais e depois experimentando de tudo um pouco, sem pedir autorização para ninguém.

Momentos de lembranças e sensações repercutidas, percebidas ou vividas. Momentos brincantes.

Enquanto experimentavam, criavam, dialogavam, brincavam, fiz a leitura do poema “escova” de Manoel de Barros (2018).

Então, após a leitura, sugeri aos participantes, que cada um, ao seu tempo, escrevesse num pequeno papel significado de *infância* e depois, afixassem sua escrita, desenho, num quadro que ficava no canto do palco.





Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressenhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora. (BARROS, 2018)

Reverberações (com Martins 2019)⁵

Participante da oficina, a *ritmeira* Martins (2019) coletou para sua pesquisa alguns gestos de ser em grupo do Ritmos de Pensamento, trazendo esse relato que reverberou em mim como um afago, carinho transcritos pelo gesto da palavra, do encontro, da experiência, aqui transcrito:

Tecendo cotidianos possíveis III: Exercícios de criança Ana Cristina Baladelli. Devir-criança não é tornar-se uma criança, infantilizar-se, nem sequer retroceder à própria infância cronológica. Devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, com intensidade e direção próprias (DELEUZE; PARNET, 1988, p. 10-15).

Imagens, pinhas de árvores, pedras, tintas, massinhas, bobs de cabelo, bolinhas de gel, botões, guarda-chuva colorido, fitas dependuradas no teto, conchinhas, almofadas brilhantes, lápis de variadas cores, poema 'Vai já pra dentro, menino', de Pedro Bandeira. Nessa oficina, vou além do narrador, me entrego, decido deixar-me ir mesmo querendo registrar todos os 142 movimentos, inclusive os meus. É como se dentro de mim existisse um embate entre registrar e viver, mas também sinto que talvez, o registrar é viver - em meio aos registros também faço parte das experiências, talvez de um modo diferente, mas faço. Aqui, procuro deixar a câmera de lado, literalmente, tento chegar mais cedo para registrar todos os artefatos utilizados, que sei que são incomuns, mas penso comigo, agora quero sentir, quero voltar a ser criança, de novo.

⁵ MARTINS, Nataliane Isabela Oliveira. **Ritmos de pensamento: rastros de cotidianos-educação**. 2019. Mestrado em Educação. Universidade de Sorocaba – UNISO.





Um pedaço de papel é entregue a todos os educadores presentes e recebemos a proposta de desenhar, utilizando lápis de cor, a infância que nos remete, o que lembramos de nossas infâncias, de nossa criança que tanto ainda nos habita, mas que muitas vezes parece estar engessada, escondida, com medo de vir à tona. Um balanço no meio do sítio, uma bola, uma menina pulando corda, ou amarelinha, um sítio de vô em Riversul, uma árvore, câmera, videogames. Para cada adulto, um ser criança. Escolho fazer um desenho que sempre me vêm à memória, mas não tanto ao coração, devo ter aprendido quando era pequena e ficou automático, mecânico, um menino e menina feitos de palitinhos, uma casa com as duas portinhas e a fumacinha saindo da chaminé, as aves no céu, as nuvens, e o sol.

Foi proposital, esta é a imagem que talvez queiram que tenhamos, mas sabemos que o que sentimos ao falar infância, ou criança, vai muito além. Cada professor fala um pouco do que sente, do que trouxe para o papel, muitos se emocionam, declaram saudades, os olhos se enchem de água, é como se estivéssemos todos brincando de voltar para um tempo a partir das sensações.

“É como se eu estivesse escolhido ser professora, pra viver a infância alheia.”

“Criança é aquela pessoa preocupada em criar, independente da forma.”

“O tema gera dor, a tempestade de ideias está nas nossas frentes.”

“Criança é artista, é ultrapassar a palavra, inocência, ser livre criança é ser natureza.”

“Criança, bagunça, presença, inocência.”

“Sensibilidade, somos todas crianças”

Nós nos entregamos a essa vinda, brincar no teatro, de teatro, de pintar, criando. Saímos despojados da rigidez adulta, tomamos um banho de cores, todos pintados, nos jogamos, imersos ao entrar na brincadeira. Há quanto tempo não nos permitíamos “entrar na brincadeira”, nos sujarmos, mas mais do que isso, utilizar elementos diferentes para conversar/pensar a educação, sair do comum.

Nesta oficina, Ana traz objetos extremamente alternativos para serem explorados, experimentados, criados, registrados, brincados, inventados, em todas as possibilidades, para em seguida gerar um ambiente de diálogo sobre essas experimentações e sua importância significativa no cotidiano infantil. Além disso, existem os registros feitos pelas próprias crianças.

Que imagens surgem quando você deixa uma câmera na mão delas?

Quais são os ângulos explorados? E quais não são explorados?

E quando você deixa uma câmera nas mãos de professores de educação infantil? (MARTINS, 2019, p. 141- 143).

Ao ler o relato, busco os registros da oficina e permaneço tempo observando, imaginando, (re)significando o olhar a partir do dela, enquanto participante e pesquisadora e me encanto com os detalhes, os desenhos, as imagens, as frases, as memórias daqueles momentos, das vidas que por lá passaram e levaram um pouco de mim, deixando parte delas comigo.





Diálogos na Universidade

O caminhar pelo cotidiano com as crianças me conduziu a outros diálogos, dessa vez com a Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba. Convidada pela Prof^a Dra. Maria Walburga dos Santos e indicada pela Prof^a Ma. Vanessa Garcia, participei da “I Jornada de Educação Infantil: As Infâncias na Educação Infantil”.

Por entre caminhos, pude experimentar diálogos, reflexões, debates com jovens estudantes de pedagogia de Sorocaba e região, que participaram da minha oficina. Experimentamos momentos de acolhimento, em que todas as pessoas puderam se colocar com segurança em suas falas, cuja sensibilidade para ouvi-los se fundamenta no exercício de sermos em grupo. A partir desse encontro outros se sucederam, inclusive recebi o convite para compor o Núcleo de Educação e Estudos da Infância e participar do grupo de pesquisas a respeito das crianças, educação infantil e estudos da infância – CRIEI nesta mesma universidade.

Participar dos encontros nesses espaços tem sido uma experiência significativa, pois além dos estudos, dos diálogos e reflexões com outros pesquisadores e professores, encontros e formações também são oferecidos.

Entre as atividades do núcleo participei do I ciclo formativo – Infância e Educação Infantil - entre maio e junho de 2019, com a oficina “conhecer pelo brincar”, abordando as diversas possibilidades do brincar no cotidiano da educação infantil. Em setembro foi a vez da Atividade Curricular de Integração, pesquisa, ensino e extensão (ACIEPE), da qual participei com a oficina “experimentações: outras possibilidades na educação infantil”. Participei também do II ciclo formativo – A potência das experiências das infâncias para a educação brasileira – em outubro como mediadora da mesa de abertura com o tema “Pesquisas e práticas cotidianas com a infância”, tendo como convidadas as Prof^{as}. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera – UNISO e a Dra. Andreia Regina de Oliveira Camargo – UNIFESP.

Vidas que se (re)encontram

Caminhando por esses espaços (Ufscar e Núcleo), eis que me encontro com uma estudante de pedagogia, que havia sido minha aluna em 2004, na educação infantil. Naquele momento o tempo parou, ela delicadamente me mostra seu celular com uma foto nossa, num momento de despedida, lá na sua infância.

Memórias presentes em meu corpo, minha pele, que movimentaram sensações outras: emoções, arrepios, euforia. Me lembrei daqueles dias, em 2004... o caminho para chegar até a escola, o tempo, a distância, a rua sem asfalto, o estacionamento, as pessoas com as quais encontrava, a sala, os acontecimentos marcantes, as brincadeiras, a diretora, o parque pequeno, as crianças e o céu azul...

Prosseguindo com o encontro físico, ela disse que estava ali para me (re)encontrar e dizer que se tornou professora eventual na mesma escola e que já estava concluindo o curso de pedagogia. Numa rede social deixou um depoimento; aqui peço licença para transcrevê-lo:

Aqueles reencontros que a vida nos proporciona! Eu, nas duas fotos, com camiseta da escola Norma Justa! A primeira na minha formatura do pré e na segunda com a minha camiseta em comemoração aos 25 anos da escola, no ano em que trabalhei lá! Professora Ana, muito obrigada pelo dia de hoje e pelos dias de alguns anos atrás! Esse reencontro foi muito emocionado e importante para mim! Adorei cada dica da aula de hoje, pois é muito bom saber que as coisas que acreditamos dão certo! Foi maravilhoso!

6

⁶ Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2981260095281767&set=a.452752298132572&type=3&theater>





Convite especial

Percorrendo os espaços e abrindo os caminhos, outro encontro acontece ao receber em minha sala, no segundo semestre de 2019, uma estudante do curso de pedagogia como estagiária. Movimentamos o cotidiano, o corpo, dançamos, pintamos, experimentamos, andamos com as crianças, momentos especiais.

Paralelo ao estágio, ela participava da organização da XI semana de pedagogia da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba e, junto com a comissão do evento, me fez um convite muito especial para o oferecimento de uma oficina nesse evento. A organização ficou sob a responsabilidade dos estudantes, que providenciaram toda a logística.

Juntas preparamos a oficina, organizamos o tempo, a sala, a projeção, os materiais. Vivemos momentos especiais.

Infelizmente no dia da minha oficina choveu muito, um temporal que deixou ruas e avenidas intransitáveis e quando a chuva melhorou, já estava tarde e o público quase não compareceu. Mesmo assim, realizamos a oficina com participações de alunos de outras cidades e espaços.

Foi uma noite especial, bem organizada; me senti acolhida num espaço diferente daquele que transito. Jovens curiosos transitando por todos os lados me fizeram refletir sobre a importância de estar naquele espaço, podendo dialogar com as futuras pedagogas sobre o meu cotidiano, partilhando outras possibilidades *com* as crianças na educação infantil.

Um cotidiano sob outro olhar

“Ainda lembro de como cheguei assustada para trabalhar no ano de 2019, entrei na escola com o coração apertado e uma insegurança enorme, afinal fui contratada como estagiária para AEE e não tinha uma experiência no assunto e na faculdade não falávamos sobre. Tive vontade de chorar, gritar até sair correndo, mas fiquei e ao conhecer a criança com laudos de TDAH, TOD e autismo soube, imediatamente, que nunca mais esqueceria aquele ano. O B. me fez conhecer o trabalho da Ana, ele era apaixonado por ela! Vivia a me pedir para ir lá, saía correndo como um verdadeiro presidiário; sua prisão era a sala de aula, a liberdade era na sala ao lado. Quando ele me levou até lá eu entendi o motivo: na sala da Ana todas as crianças se sentiam acolhidas e bem-vindas, o espaço era colorido, cada parte daquele ali tinha um pedacinho deles. Os tecidos, as texturas, o acolhimento, a liberdade. Nada de liberdade condicional, era aquela liberdade de se confundir com libertinagem. A frase que eu mais escutei durante as primeiras semanas com o B. foi: “Quero ir à sala da tia Ana, V.”, e nós íamos juntos, escondidos ou não, íamos... A escola inteira observava aquela sala, todas as crianças perguntavam se poderiam participar do que acontecia lá. Confesso que no começo não entendi nada da proposta, só admirava tudo que a Ana proporcionava de longe.

O B. me fazia chorar todos os dias, me questionava coisas que eu não sabia responder como: “Por que eu não posso brincar agora?” ou “Não quero ficar aqui, vamos ao parque”. Ele me questionava e eu me questionava daquele sistema tão injusto com ele, questionava o que seria dele se continuássemos acreditando que ele era só mais um problema. Me questionava se aguentaria apanhar todos os dias. Durante essa vivência o lugar que encontrávamos a paz era com a Ana, ela nos ensinava sempre, dando uma aula de empatia e infância. O B. sempre se acalmava na sala dela.

Até que no meio do ano o B. saiu da escola, foi morar fora do país. Chorei. Chorei por ele, pela insegurança do estágio, pela insegurança do que iria acontecer comigo e com ele. Naquela semana a Ana me disse uma das frases que mais me fez refletir “Ele é criança, tudo dá certo quando se é criança”. Confesso que demorei muito para entender aquilo, cheguei a pensar que era insensível da parte dela, mas descobri que era uma demonstração de respeito ao que ele representa, o B. é um ser único, inteligente e capaz. Ele é criança.

Com a saída do B. e da estagiária da Ana, fui trabalhar na sala dela que não nego: era tudo que eu queria desde o começo! Mas, entrei com muito medo e uma dúvida enorme se daria conta, uma insegurança em cada movimento tradicional que eu poderia ter. Sabia que precisava me desconstruir para construir uma nova visão sob a infância. A sala não era nossa, a sala era das crianças, a cultura era a infância, o amor era por elas, o respeito e acolhimento eram para todas.





Guardo comigo cada frase de impacto e desconstrução que a Ana, tão pacientemente, me ensinou. Cada vez que eu fazia algo tradicional demais ou coisas pequenas que geravam impactos gigantesco; como a vez em que desenhei um gato para uma criança a Ana me repreendeu dizendo que a partir dali ela só desenharia o meu gato não aquele que ela poderia criar. E como a maioria das vezes a Ana estava certa, misturando teoria e prática ela me mostrou, a criança desenhando aquele gatinho idêntico ao meu.

Todos os dias eu via as diferentes formas que a Ana valorizava a visão das crianças e o papel importante que elas possuem em sociedade e comecei a me pegar escutando mais os diálogos que surgiam entre elas, a escutar mais o que elas tinham a me dizer ou o que pensavam sobre o mundo, foi uma das experiências mais ricas e potentes que já experimentei. Me encontrei dentro daquela democracia recheada de autonomia e autodescoberta. A minha função era mediar, assistir os protagonistas construírem o conhecimento. Cada criança tinha seu potencial valorizado, recebia amor e um carinho imenso de todos. Entrei em crise nos primeiros meses, me culpando pelo tipo de profissional que eu me deixei ser durante dezoito meses de estágio sem conhecer a Ana, me culpei de nunca ter notado a forma sádica que a infância tinha se tornado para mim, eu não tinha ideia do meu comportamento até estar lá, até me deixar aberta para entender. Me recuperei e prometi a mim mesma que ia construir em mim cada pedacinho da profissional que queria ser.

*As experimentações foram os processos mais deliciosos que já passei, cada detalhe pensado para eles, o modo carinhoso como a Ana me ensinou a criar os espaços me deu uma inspiração imensa, ela me deixava participante de tudo. Nós criamos uma rotina e fez com que me sentisse importante para aquele processo, me senti valorizada! Contava história para as crianças todos os dias, eles amavam. Nos criávamos um cenário, um momento, uma conversa e principalmente: união e respeito mútuo. Me senti forte e com muita vontade de estudar. Me apaixonei pela infância, por cada detalhe que compunha aquele cotidiano enriquecedor, precioso e único. Admirava como a Ana valorizava cada detalhe da infância, cada “bagunça”, cada “sujeira”, cada brincadeira; **tudo.***

*A Ana me forneceu especialização, trouxe profissionais incríveis para nos dar cursos dentro da escola, pessoas, falas e relatos que jamais vou esquecer. Ela me forneceu textos, livros e o mais importante: conhecimento prático. Aquele que acontece durante o dia a dia escolar, teoria e prática sempre, um não fica sem o outro, **não funciona** sem o outro. Passei a lutar por isso, levei até a universidade e defendi “com unhas e dentes”. É possível sim, teoria e prática andarem juntas, defendi a infância, o brincar e a voz das crianças. Toda forma de educação tem uma intenção. A isenção de bases teóricas dentro de trabalhos na infância, passou a me preocupar.*

Meu contrato encerrou e eu chorei feito um bebê, mas sabia que tinha passado tudo que era necessário ali, foi a melhor escola que já tinha trabalhado. Lembro de todos com muito carinho e guardo todos em uma parte especial do meu coração. Todas as crianças serão lembradas por mim na sua melhor forma, no jeito único que todas elas têm. A visão do parque, da mangueira molhando e fazendo chuva de alegria no corpo de cada uma delas, as brincadeiras, as falas, obras de arte e a gargalhada sempre presente no nosso cotidiano. Abracei todos e beijei todos, deixei minha contribuição e meu eterno agradecimento. Agradeço por eles me permitirem fazer parte desse processo maravilhoso, agradeço aos profissionais que me acolheram e principalmente a Ana a quem jamais vou cansar de admirar e agradecer por esse ano lindo”.

V. – estudante do 4º período de pedagogia – Sorocaba





O que tem na sua sala?

Andarilhando no cotidiano com as crianças por *entre* os espaços na escola, adentramos em nossa sala, local onde guardamos nossos pertences como mochilas, bolsas, sapatos, escovas de dentes, brinquedos e por lá chegamos brincando, dialogando, sorrindo, chateados, ansiosos. Ficamos num vai e vem nesse espaço que invariavelmente se encontra com as portas abertas, num movimento acolhedor. Crianças movimentam corpos, falas, brinquedos, brincadeiras. Numa tarde dessas, o diretor, Pedro, também colega de PPGE⁷ observa a sala e me pergunta, talvez mais como uma reflexão: *o que tem na sua sala de tão especial que convida as crianças a entrarem? A Brincar? A Conversar? A Experimentar?*

Não saberia responder. Fiquei reflexiva, observando o movimento físico do cotidiano que é permeado por diferentes proposições e materiais, onde as crianças são convidadas a manusear, juntar, montar, quebrar, misturar, o que elas desejarem. Sem manual, regras ou ordens, apenas o convite para experimentar. Os materiais que colho para esse convite são garimpados em mercados populares, em outras cidades, nas redes sociais, nos produtos descartados como recicláveis. Busco elementos da natureza nas praças e parques da cidade, diversificando assim a oferta de materiais. Permaneço atenta às curiosidades das crianças e às pesquisas que elas realizam com suas texturas, consistência, cores, odores, peso. Recicláveis e tecidos são os preferidos, pois ampliam as possibilidades para as brincadeiras.

⁷ LIMA, Pedro Gomes. **A educação menor para ser feliz: 'piolhos' e 'piolhiferações' no cotidiano escolar infantil** -. 2014. 119 f. Mestrado em Educação – UNISO - Universidade de Sorocaba

O espaço fica movimentado, exala determinação, insistência, persistência, amizade, criatividade, silêncio, agitação, repetição, as mais variadas formas de se ser e estar naquele ambiente que propicia a investigação, a experimentação, a criatividade. A “forma-escolar” (Freitas, 2007) aqui é outra: dinâmica, criativa, potente e em nada lembra a “fôrma-escolar”. Com essas pesquisas, a cada dia um novo material é incorporado aos demais e outra experimentação tem início pelo parque, sala, pátio, com as crianças brincando e criando juntas.

Para além das possibilidades físicas oferecidas pelos materiais e brincadeiras, existe algo a mais: o acolhimento, respeito, o meu respeito, o nosso respeito. Como professora, convivo num *entre* a professora que eu era, a professora que eu sou, num *dever, com* elas.

Sigo as crianças, persisto, resisto, insisto, prossigo.

As indagações, minhas, das famílias, dos gestores, das colegas são comuns e fazem parte do cotidiano:

Você cumpre a matriz curricular com essas atividades?

O que você fala para as famílias que as crianças fazem na escola?

As crianças só brincam com você?

Deixo o tempo e as crianças responderem, com a alegria, brincadeiras, diálogos.

O espaço foi e é ocupado por elas, em cada cantinho da escola.

Esperançar, sempre.



finho

LOVE IS CHICKEN
AMERICAN
FRANCO AMERICANO
CHICK-FIL-A



Devires

[...] Nesse dia Simón Rodríguez sai da escola, como frequentemente fazia, com um grupo de crianças, brincando. A brincadeira consiste em lançar os chapéus ao ar e apanhá-los antes que toquem o chão. Há uma casa na cidade que atrai particularmente a Dom Simón e às crianças, e em frente a ela geralmente reúnem-se para brincar. É a dos Johnston, uma das poucas com segundo andar e varanda em Kingston. É uma das famílias mais privilegiadas daquela sociedade. Quando não há ninguém à vista, Simón e as crianças brincam para ver quem encaixa o chapéu em um vaso vazio em um canto da varanda. Mais de uma vez saem correndo às gargalhadas quando alguém aparece para repreendê-los por perturbarem o descanso dos proprietários da casa. Até agora as crianças sempre falharam em suas pontarias nessa brincadeira, e os chapéus caem todas as vezes que são lançados, sem encaixar no vaso. No entanto, não há problema nesse aparente fracasso. Ao contrário. As crianças e Simón se divertem do mesmo modo. A graça do jogo parece estar em jogar, não em alcançar determinado resultado. Mas nesse dia, por alguma razão que o impele interiormente, Simón Rodríguez decide ele mesmo dar uma lição às crianças e se anima a experimentar a pontaria, o que não havia feito antes. Para surpresa e admiração dos pequenos, e de si mesmo, Rodríguez acerta o vaso na primeira tentativa. Os risos, saltos e gritos despertam a curiosidade dos moradores. Simón Rodríguez se mostra orgulhoso e lhes diz: “Veem como se faz? Aprendem com um homem experiente!”. E mais uma vez solta uma risada ampla e estridente, que as crianças comemoram e imitam. Por um momento, esquecem-se de onde estão e das advertências do mordomo da casa. Brincam, sorriem, divertem-se. Nada mais parece importar neste mundo. Mas a emoção dura alguns instantes e depois é substituída pela preocupação: como recuperar o chapéu? [...] Enquanto Rodríguez ainda está pensando com as crianças uma solução sem encontrar alternativa, Thomas, uma criança que sempre os assiste com olhos brilhantes, manifestando vontade de participar do jogo sem atrever-se a pedi-lo, e que tinha acompanhado todo o episódio em silêncio, quase de um salto, e sem respirar, diz a Símon Rodríguez: “Por que as crianças não sobem em seus ombros e uma delas pega o chapéu?” Da surpresa, todos passam imediatamente para o entusiasmo. A resposta do professor-estudante vem rapidamente: “É uma ótima ideia. Nós a colocaremos em prática com uma condição: que você seja o primeiro na escada humana, o que retira o chapéu do vaso”. O brilho dos olhos de Thomas é suficiente como resposta. Ele conseguiu o que queria: se juntar ao grupo, brincar com eles. O resultado é magnífico: o chapéu está de volta na cabeça de Simón Rodríguez em menos de três minutos. (KOHAN, 2015, p. 30-31)

Um chapéu, uma brincadeira, algumas crianças, um adulto. Talvez uma cena corriqueira que em nada poderia nos chamar a atenção, já que por vezes nos deparamos com elas na vida. Para mim, algo mais; com esse cotidiano reflito para além do que nos é dado a ver, a pensar, a imaginar. Desse modo, somos convidados a sentir o ambiente, a escutar as falas das crianças, a pensar na areia, no chapéu, na casa com dois andares. Qual seria a sua cor? Imaginei-a branca, de madeira, talvez porque essa tenha sido uma casa de dois andares que eu tenha visto um dia, por alguma praia que passei e ficou gravada em minha memória.

Crianças correndo acompanhadas por um adulto. Fico imaginando as conversas, o clima agradável de brincadeiras, o sol, a brisa, as árvores, a casa, o chapéu no vaso.

Nesse momento ecoam em minha mente gritos de *“nossaaaa” ele acertou!* E logo imagino a surpresa e uma risada por parte do adulto, naquele momento brincante de sua vida. E depois, passada a euforia pela conquista, como recuperar o chapéu? Imaginando aqui as falas das crianças, as soluções apresentadas, diversas falas; plurais, emaranhadas por gargalhadas, gritos e também o silêncio daqueles que não expressam suas ideias, só observam, alguém que não brincava, mas que estava ali no seu silêncio. A cena despertou em mim lembranças, pulsações dos encontros *com* as crianças. Senti no corpo, na pele a euforia da conquista, do obstáculo superado, ouvi gritos, a alegria pela superação, a força da coletividade, e então, meu coração pulsa, bate mais forte.

Também me lembro das crianças que ficavam ao meu lado, por opção, ou distantes física e mentalmente, quietas, observando o movimento. Pouco dialogavam, havia pouca interação, às vezes por timidez, sem tristeza, mas apenas permaneciam quietas. Minha infância foi assim: fui uma criança quieta, silenciosa, que articulava soluções espetaculares para os problemas, sozinha. Testava, tentava, experimentava, mas no coletivo, jamais, só observava, por opção.





Ao enveredar pelo caminho das lembranças a partir das leituras, retomo meu cotidiano *com* as crianças, observando os diferentes modos de ser e estar em grupo naquele espaço; me percebo alguém partilhando momentos, experimentando, aproximando. E ao experimentar *com* as crianças, sou atravessada por forças, pulsações, que talvez não consiga expressar. É algo no corpo, da ordem do movimento, das sensações outras que fogem das palavras.

Deleuze e Guattari (2012, p. 97) nos dizem que, contrariamente à criança que fomos, da qual nos lembramos, “uma” criança coexiste conosco, numa zona de vizinhança ou num bloco de devir, numa linha de desterritorialização que nos arrasta a ambos”. E que essa criança molar do adulto, é o futuro. Desterritorializei a minha criança das lembranças, me desloquei no tempo. Experimentei a infância em mim, em meu corpo, na minha idade, no meu tempo. Reanimei, como diz Schérer (2009, p. 193) dizendo ainda que o “bloco de infância” deixa de ser a infância como lembrança, mas em devir e que pensar a infância a partir dele, é rejeitar o “acervo de ideias, os pesados grilhões e disfarces impostos à infância”.

Em alguns momentos, em especial com as leituras, experimento uma lembrança, uma atualização por um fio-memória, condutor que me leva à infância, a minha, aquela territorializada num momento, num local. *Com* as crianças experimento a abertura, avizinham-se outros espaços e algo emerge como um “iceberg” (Schérer, 2009). Bloco de infância, a desterritorialização da infância, “que se desloca com o tempo, sobre a linha reta do tempo, vindo reanimar o adulto como se reanima uma marionete, e re-injetando-lhe conexões vivas” (Deleuze, 2017, p. 141).

O bloco de infância me pegou, como diz Deleuze (2017) e me levou a pensar, a refletir, a deslocar o pensamento sobre as certezas, os lugares seguros e definidos que nos é dado sobre as infâncias e as crianças. Schérer (2009) diz que o devir-criança somente pode ser instalado no distanciamento absoluto do devir adulto, pois ele nos leva a entender a

infância como um único destino final, evolutivo e que conduz a idade adulta. Ao me aproximar do bloco de infância, me distanciei do adulto que era e experimentava o *entre*, antes e depois.

Junção de experiências, percepções que Alves, Ferraço e Gomes (2019) dizem, resultam num devir. As crianças são atravessadas pelos devires e “não vivem como nossas lembranças de adulto nos fazem crer, nem mesmo como elas o creem segundo suas próprias lembranças quase contemporâneas daquilo que fazem” (Deleuze, 2017, p. 140).

Pulsamos, extraímos, nos conectamos com as partículas, se nos permitimos experimentar. Ao nos aproximarmos das ações cotidianas, a cada momento, no seu tempo, algo acontece. Passamos a ser afetados de formas diferentes, experimentamos olhares outros, povoados de possibilidades. Assim se dão os encontros, sem imitação ou representação. “É um maneirismo de sobriedade, sem lembrança, em que o adulto é tomado em um bloco de infância, sem cessar de ser adulto, como a criança pode ser presa em um bloco de adulto sem cessar de ser criança” (Deleuze, 2017, p. 142).

Explosão de mundo, do meu mundo, possibilidades que me eram apresentadas pelo bloco de infância e que me oportunizaram pensar as infâncias a partir dos blocos (Deleuze, 2012) e do distanciamento (Schérer, 2009). As fotografias feitas pelas crianças se revelam em sensações, gestos, linguagens que para além da beleza da composição imagética, revelavam luz, e serenidade, e angústia, e conforto, e cumplicidade nos momentos mais triviais no cotidiano. Retirar um brinquedo de um buraco minúsculo virava uma festa; a diversão em pegar a bola sob a árvore; chacoalhar as folhas e as flores caindo nos olhos, mas no meu não, diziam as crianças *porque eu uso óculos*; a alegria molhada ao esguichar água uns nos outros com a mangueira quando a intenção era apenas umedecer a areia; fazer bolinhos de areia e jogar na parede para vê-las grudando; fazer meleca com terra num buraco onde a intenção era plantar uma árvore; ter a roupa encardida com terra e não sair mais, trazendo a lembrança daquele momento e de outros brincantes.





Forças, partículas, potências que, reunidas, nos fazem devir, num devir-criança “do adulto preso no adulto, um devir-adulto da criança preso na criança, os dois contíguos” (Deleuze, 2017, p. 142).

Lombada.

Num domingo, resolvi fazer um bolo, mas não localizei a batedeira, então o fiz manualmente. Comecei a juntar os ingredientes e uma memória me passa... As crianças na terra da escola misturando-a com areia, aguardando afeitamente o ponto e a cor do bolo. Foi algo tão real que impregnou os meus sentidos com aromas da terra e da água. Potinho de fazer bolo de areia, vozes das crianças, viram uma experiência na pele, e o corpo se deixa percorrer por sensações outras. Experimento então a massa do bolo em minhas mãos. Fecho os olhos. Tempo suspenso. Brinco, imagino, crio diversas possibilidades unindo lembranças e materialidades.

Abro os olhos, com as mãos na massa, dedos sujos e o bolo quase pronto.

Lombada vencida, seguimos o caminho.

O cotidiano partilhado *com* as crianças impregna nosso corpo, nossa mente, somos atravessados pelas experiências, pelas possibilidades. Caminhando por entre as linhas dessa escrita, passo a compreender que “não é a criança que devém adulto, é o devir-criança que faz uma juventude universal, a criança é o devir-jovem de cada idade” (Deleuze & Guattari, 2012, p. 73).

Ao abandonar as certezas, me entrego ao inusitado, ao movimento da câmera. As imagens, acontecimentos. Os encontros passam a ser cotidianos, “entre um adulto e uma criança”, sem ausências, mas um encontro “não-particular nem universal” (Kohan, 2007).

Aprecio a beleza das palavras com que os autores trazem seus conceitos, meu plano de referência. Uma gentileza ao olhar para a infância, para as crianças, povoando de sentimentos o nosso ser, nos potencializando, propiciando

reflexão, observação e busca. Tempo de releitura, de escrita, uma experiência, desejo de partilha. Um estar professora-pesquisadora *com* as crianças, em qualquer lugar, a qualquer momento.

Vivencio o *entre*, o cotidiano de agora e o outro, no passado. Passo a refletir sobre o tempo, penso que é preciso ter tempo, respeitar o tempo do adulto e da criança.

E então, de que tempo estamos a falar?

Temos tempo para isso?

Conseguimos ter tempo no cotidiano?

É possível dar tempo para as crianças?





Tempo (e o) cotidiano

M. na hora da saída, permanece deitada no chão, brincando.

- Vamos M., mamãe chegou.

- *Não, já falei que fiquei bem pouquinho aqui.*

Sua mãe entra e a pega no colo, ela chora.

Sai resmungando e dizendo:

- *Por que eu fico tão pouquinho na escola? (M. 4a.)*

Kohan (2007, p. 86), nos diz que no grego clássico há mais de uma palavra para se referir ao tempo, a mais conhecida é *chrónos* que designa a continuidade do tempo, “a soma do passado, do presente e do futuro, e o presente é um limite entre o que já foi e não é mais (o passado) e o que ainda não foi, portanto também não é, mas será (o futuro)”. A outra é *kairós* que significa medida, proporção. A terceira é *aión* que designa a “intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não-numerável nem sucessiva, intensiva”. Heráclito dizia que “*aión* é uma criança que brinca, seu reino é o de uma criança, uma força infantil”.

O tempo cronológico regula nossos horários, rotina, determina o que fazer, nos autoriza a brincar, comer, sair, escovar os dentes, regula o nosso dia. Viver em função dele me incomoda e causa um desconforto nas crianças, em especial quando elas estão brincando, iniciando uma história, desenhando, pois não é o tempo delas e sim aquele que segue a lógica temporal, as crianças brincam com os números. Para elas, como diz Kohan (2007, p. 86) “não há sucessão nem consecutividade, mas intensidade da duração”.

Cotidianamente, o tempo cronológico acabava, tínhamos que parar, desmontar e guardar nossas brincadeiras pois, de acordo com a nossa rotina/horário, tínhamos que fazer outra coisa, como por exemplo tomar lanche.

Os horários estabelecidos, planejados e organizados fazem parte do cotidiano de uma escola e representam organização, rotina, planejamento. Entendo a necessidade dessa organização, faço parte desse cotidiano, mas questiono a não participação das crianças, a falta das adequações aos *saberes-fazer*s (Alves, Ferraço, Gomes, 2019) do cotidiano *com* as crianças, do tempo delas. Me lembro que nas assembleias que eu realizava com as crianças do maternal, no decorrer do mestrado, o horário do parque era pauta presente diariamente, pois as crianças me questionavam: *por que não poderíamos chegar na escola e ir direto ao parque?*

Reflexões sobre o tempo, pois as crianças desejavam mais tempo *cronológico* para vivenciarem o tempo *aiônico*, tempo infantil. Mas como fazer isso no cotidiano na educação infantil? Seria possível? De que maneira? Por onde começar? Como fazer?

Um dia, numa roda, partindo de um questionamento sobre os horários do parque, vou em busca dos diálogos com as crianças, saber o que elas pensavam sobre a nossa rotina, seus horários, se desejavam mudar, o que mudar, entre outras possibilidades que iriam aparecer. Os diálogos foram intensos, algumas defendiam a manutenção, outras queriam brincar com o sol no parque logo no início do período; algumas não desejavam o sol porque era quente; outras não queriam comer na escola para não perder a brincadeira; outras desejavam comer mais tarde, mas sem comida (arroz e feijão), só bolo, pão, suco e leite com chocolate, dentre outras possibilidades.

Dialogaram bastante e eu anotei as sugestões na lousa. No outro dia retomamos e as propostas começaram a tomar forma. Foram se organizando, como por exemplo a mudança do horário do lanche e não ter horário para o parque, com a possibilidade de decidir quando chegássemos na escola. Essas duas foram as mais votadas pelas crianças. Após a votação, decidimos comunicar a direção, mas antes, por sugestão delas, optamos por conversar com as outras turmas e professoras para saber se não haveria problema com as possíveis mudanças.



Para o diálogo, as crianças sugeriram uma grande roda no pátio e apresentamos as propostas. Iniciei a fala e depois as crianças prosseguiram. Depois de algum tempo, elas decidiram que queriam brincar todas juntas, o que foi proposto para as demais professoras, aceito e comunicado a direção.

Para além das organizações nos espaços, experimentamos o diálogo, a partilha de saberes diversos, as crianças se aproximaram e mesmo num cotidiano marcado pelo tempo *cronos*, buscamos outras possibilidades, experiências, partilhas, experimentações, a intensidade da duração, tempos infantis possibilitando outros cotidianos na educação infantil, num *co-ire* com as crianças.

E então, suspendemos o tempo. A pandemia da COVID-19 chegou. Paramos. E seguimos em casa, buscando ainda outros cotidianos possíveis por outras janelas, outras linguagens. Atravessados por fios invisíveis que nos conectam, inventamos outras possibilidades de encontro, à distância ou remotamente.

Experimente: se você fosse você, como seria e o que faria?

Logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser levemente locomovida do lugar onde se acomodara. No entanto, já li biografias de pessoas que de repente passavam a ser elas mesmas, e mudavam inteiramente de vida.

Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua porque até minha fisionomia teria mudado. Como? Não sei.

“Se eu fosse eu” parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova no desconhecido. No entanto tenho a intuição de que, passadas as primeiras chamadas loucuras da festa que seria, teríamos enfim a experiência do mundo.

Bem sei, experimentaríamos enfim em pleno a dor do mundo. E a nossa dor, aquela que aprendemos a não sentir.

Mas também seríamos por vezes tomados de um êxtase de alegria pura e legítima que mal posso adivinhar.

Não, acho que já estou de algum modo adivinhando porque me senti sorrindo e também senti uma espécie de pudor que se tem diante do que é grande demais. (LISPECTOR, 2018, p. 63)





Criança que se dá a ver

Numa tarde, uma criança se senta ao meu lado.

Permanece em silêncio por um bom tempo.

- Você não quer brincar? pergunto.

- *Não, não queria ficar aqui na escola, responde bem baixinho.*

- Você não gosta da escola? Pergunto.

- *Não.*

- *Vou ficar aqui com você tá bom?* Me perguntou.

- Tudo bem, quando quiser conversar é só falar, respondi.

Passamos o resto da tarde um ao lado do outro, na maior parte do tempo, em silêncio. (A. 5a.8m.)

E por esse caminhar, percorrendo estradas, em cotidianos outros, entre lembranças, memórias, blocos de infância, o silêncio se apresenta por aquelas crianças que não desejavam se tornar visíveis, percebidas, observadas. Possivelmente, preferissem nem estar ali, naquele momento, comigo, com outras crianças, transparecendo que aquele não era o seu lugar. Fico a pensar se seria possível que as crianças tivessem o desejo de serem vistas, observadas, percebidas. Ou será que não? Será que elas se dão a ver para quem desejam?

E porque pensar, refletir sobre isso?

Caminhando, descobri que algumas crianças não desejavam participar, conversar, brincar, porque possivelmente estivessem acostumadas a (con)viver sozinhas ou com outras crianças, mas comigo não desejavam aproximação, diálogo, afeto, carinho. Outras, expressavam seus sentimentos através da violência, raiva, gritos, se punindo (auto infligir), repetindo um comportamento frenético de incômodo. Tamanha dor, desgaste, sofrimento, tristeza, numa

espiral de sofrimento, ora numa explosão de raiva, ora na calma. Percorrer o caminho de aproximação com elas foi algo intenso, profundo, potente, plural.

Estar com as crianças é conhecê-las, entendê-las, respeitá-las. Elas sabem quando você está interessado em suas descobertas, em suas histórias, em sua vida. E o contrário é real, elas entendem rapidamente quando você não se interessa por ela, por suas particularidades. Entendi que não é possível fingir sentimentos, participação ou presença superficiais, uma escuta fora do sensível. A criança sabe, ela diz, não ouvimos e ela se afasta.

Se você fosse você, a criança, como entenderia a falta de participação, atenção, escuta? Você lutaria, resistiria? O que você faria se fosse você?

Experimentei o colo puxado, um beijo roubado, uma grama arrancada e entregue como presente, um abraço sufocado, um passar de pequenas mãos pelos braços, cabelos, inesperadamente, um retrato seu como primeiro desenho, carinho entre olhares, num devir que em cada um de nós, “deixa palpitar ainda uma pulsão de infância” (Schéerer, 2009).





PARA FAZER UMA PESQUISA-EXPERIÊNCIA

Tropece em uma ideia, tome-a pra si.

Junte algumas pessoas, interessadas, interessantes, por interesse.

Escolha um espaço com comprimento intensivo que pretende dar a sua pesquisa.

Corte e recorte, recorte e corte o espaço até novas espacialidades.

Em seguida, atente cuidadosamente às sensações que compõem o espaço, no caso, uma escola é bem-vinda, e coloque-as num saco.

Agite suavemente.

Depois, retire os recortes uns a seguir aos outros.

Transcreva-os escrupulosamente pela ordem que eles saíram do saco.

A pesquisa parecer-se-á contigo.

E você será um pesquisador infinitamente estranho, de uma encantadora

Sensibilidade, ainda que incompreendido por todos. (LEITE, 2019, p. 158)

Metodologia: outros caminhos, outras experiências

Minha pesquisa andou por caminhos, percursos, encontros, falas, diálogos, espaços, materiais, experiências. Movimentei pensamentos outros sobre as metodologias que melhor as representasse. Mas pesquisando e caminhando com a escrita observo que a pesquisa é a minha experiência, não experimento, é por ela que irei narrar o cotidiano, o caminhar de uma professora pesquisadora na educação infantil, apresentando as possibilidades de outros encontros com as crianças. Fazer as dobras possíveis dessa partilha diária com as crianças, para que outras pessoas se sintam acolhidas e venham a se encontrar com essa escrita-experiência.

Leite (2019) nos diz que a pesquisa com crianças e produção de imagens, perambula, pica, vaza rapidinho. Pula do corpo e por isso implica numa multiplicidade de modos de escrever. Uma pesquisa que inventa, inventiva, essa é a minha pesquisa, que se propõe a deslocar o pensamento, a ideia de criança, de cotidiano, de espaço, movimenta o corpo, a pele, o olhar.

A narrativa vem como uma forma de contar o percurso, narrar o caminho, uma forma de escrever sobre o que me passou e ainda passa, trazendo detalhes de um cotidiano permeado por crianças, experiências, vida. E no percurso, Paulo Freire (2019a) se apresenta com seu inédito viável, como possibilidade para outros cotidianos, outras formas de resolver situações problema, em busca do *ser-mais* para não voltar ao que era.

Caminhando, dialoguei com outras escritas, outras pesquisas, outros deslocamentos, em especial com a Universidade Estadual Paulista – campus Rio Claro, com teses que dialogam com a minha e as trago como companhia.



A tese de Chisté (2015) adentra ao cotidiano da educação infantil, lançando-se a ver, ouvir e observá-lo, oferecendo às crianças câmeras fotográficas e filmadoras, para que as utilizem livremente, coletando após as imagens e os vídeos. Uma escrita recheada com as falas das crianças curiosas, espontâneas, vivas, de corpos em movimento com as câmeras, *corposcâmeras, câmeras corpos* (p. 27).

Camargo (2019) nos apresenta a criança como protagonista de sua escrita, que a leva para lugares outros, através de suas falas, imagens para pensar um outro currículo. Sem formatos, sem explicações, numa composição de imagens que nos levam a pensar com a criança. Os poemas de Manoel de Barros estão presentes em sua escrita que nos apresenta uma ideia de *poema-tese* sensível e potente.

Além dessas teses, o relatório do pós-doutorado do prof. César Leite realizado na UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas – em 2018, que nos apresenta apontamentos sobre três ideias: infância, devir-criança e a educação a partir dos trabalhos de produção de imagens que desenvolve na educação infantil.

Leite (2018), Chisté (2015), Camargo (2019), defendem, que ao pesquisar com crianças, de uma certa maneira é um puro desvio, um momento de poder experimentar com as infâncias, um contato com a abertura, um deslocamento em espaços e tempos.

Experiência: a escrita em tempos de suspensão

Outro acontecimento atravessa meu caminho: a pandemia.

Não há como deixar de afetar-se, sentir e experimentar esse momento. Ciclos de idas e vindas, sensações que tomam conta do nosso corpo, da nossa vida, agora em casa, cada um em sua casa, o tempo todo. Os dias passam, os pensamentos atravessam o tempo, as horas, em alguns momentos angustiante, em outros suave.

Como uma “pesquisa-experiência” (Leite, 2019) atenta aos espaços e tempos, trago para a escrita esse momento da experiência vivida, sentida, dolorida, compartilhada e aqui narrada *entre* lembranças, imagens, histórias, que foram transpassando minha escrita, trazendo outras possibilidades de se pensar e fazer-se.

Do isolamento voluntário ao obrigatório, suspendemos o tempo e a escola fechou.

Como escrever sem estar com as crianças? De que maneira poderia movimentar pensamentos para prosseguir essa tese?

Devagar, aprendi a olhar, observar e não apenas a ver, outro cotidiano em minha vida.

Passo a olhar novamente as imagens das crianças. As revisitei, dia a dia, imagem por imagem. No papel, no projetor, no chão, na tela, onde fosse possível. Parei, observei e ouvi cada uma. Sensações outras, movida pelo sentimento de ter tempo, olhar sem pressa, sem julgamentos, um desafio; aliás, mais um para ser narrado.

Iniciei minha pesquisa pelas imagens e é *por* e *com* elas que retomo minha escrita, em tempos de pandemia. Intercalo as imagens com a escrita, faço uma composição e não ilustração; potência de invenção, deslocamentos que elas nos apresentam.

Escutem, experimentem os sons, os odores, as cores.





Observem os detalhes, as crianças escondidas, os gritos, as paisagens, o céu, a terra, a escola, a criança.

Agamben (2005, p. 21), diz que “o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência” tornando-o dessa maneira incapaz de fazer e transmitir a mesma, já que nosso cotidiano não traz nada passível de experiência, tornando-o insuportável. Talvez agora, o tempo tenha nos propiciado uma chance de experimentarmos outros cotidianos, outros momentos, munidos de tempo, observação, paciência, medo.

Reinvento o meu, inventando uma nova forma de escrever e dizer da vida (Godoy, 2020).

Eu acho que uma das coisas melhores que eu tenho feito na minha vida, melhor do que os livros que escrevi, foi não deixar morrer o menino que eu não pude ser e o menino que eu fui, em mim. Sexagenário, vejam como essa palavra já soa mal.

Mas, sexagenário, tenho 7 anos; sexagenário, eu tenho 15 anos; sexagenário, amo a onda do mar, adoro ver a neve caindo, parece até alienação. (PAULO FREIRE, 2019b, p. 608)





Paulo Freire num cotidiano

Para reinventar uma nova forma de dizer da vida, senti a necessidade de revisitar Paulo Freire (2019a). A primeira vez que tomei conhecimento do livro *Pedagogia do Oprimido*, foi entre 1986-1988, quando cursava o magistério. Em linhas gerais, o cenário político era de um governo militar que começava a se despedir do poder e vivíamos uma fase de esperança com a realização da Assembleia Constituinte que redigiria a nova Constituição - 1988, nossa Carta Magna.

O livro não era meu, era emprestado da escola⁸ que tinha uma discreta biblioteca, com portas largas, ao lado da secretaria, numa construção moderna. As lembranças e os detalhes dessa escola pulsaram em mim nesse momento, pois a biblioteca era um dos lugares que eu mais frequentava, apesar de não ter tantos livros em seu acervo, mas era um lugar acolhedor, e não saberia dizer qual a razão.

O tempo passou e em 2018, após uma orientação com a Prof^a Alda, resolvi iniciar a leitura, dessa vez do livro *Pedagogia da Esperança*. Novamente, por um exemplar emprestado da biblioteca, dessa vez da Uniso. Ao iniciar pelas notas escritas por Ana Maria Araújo Freire (Freire, 2013), constatei que precisaria primeiramente ler o livro *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 2019a) e depois retornar as notas. Comecei a ler, fui passando por cada página vagarosamente e em minha mente fluíam as imagens das crianças, meu cotidiano, minha docência.

A reflexão sobre o cotidiano foi inevitável, li e reli diversas vezes cada trecho em que era convidada a pensar, a reagir com sua escrita. Alternei a leitura do livro com os documentários, filmes, registros realizados sobre Paulo Freire, pois desejava ouvi-lo, sentir a energia de suas falas, as pausas entre as palavras.

⁸ Colégio Estadual Branca da Mota Fernandes – Maringá – Paraná.

Comecei a imaginar ou exercitar um diálogo com Paulo Freire, dizendo a ele que realizaria uma leitura da pedagogia do oprimido sob a perspectiva da infância, como uma professora da educação infantil. E assim o fiz.

Minha tese apresenta a narrativa do cotidiano de uma professora-pesquisadora, que no caminhar *com* as crianças, *entre* devires, acontecimentos, pesquisa experiência, reage ao cotidiano dado *para* as crianças, caminhando *com* elas, encarando o desafio de (re)significá-lo. E por esse cotidiano, me (re)conheço como uma professora que “não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo” (Freire, 2019a), e não se sente dona do tempo, das crianças, mas *com* elas se compromete, para *com* elas lutar.

Situações cotidianas incômodas, desconfortáveis precisariam ser superadas, vencidas, rompidas.

E como fazer, ou melhor, o que fazer? Como modificar algo enraizado nos espaços?

Encontrei em Freire (2019a) o conceito de “inédito viável”, assim apresentado por Ana Maria Araújo Freire (2013) como “uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada” e que através dele se torna realidade. Segui caminhando com as crianças criando inéditos viáveis; alguns vencidos, outros lentamente forjados, mas bravamente enfrentados. A cada dia, cada momento, uma nova possibilidade. Em alguns momentos surgiram tensões, discussões, reflexões, que por vezes levavam tempo, horas, dias até a sua realização ou não.

Mas para além dos inéditos criados, Freire (2019a) renovou a minha esperança, me fez esperar. Não na espera, mas na ação, no movimento. As crianças renovam suas esperanças cotidianamente, movimentando os espaços por onde passam, habitam, permanecem. Paulo Freire e as crianças me renovaram, me fizeram ir em busca do *ser mais*.





Acontecimento

Uma tarde no parque, crianças brincando, correndo, de repente, uma roda.

O que observavam?

Uma criança levanta a mão e me apresenta uma lagarta.

Me assustei.

Ela chega para mim e diz:

- *Abre a mão pro?*

- Não tenho coragem, respondo.

- *Não dói, eu tinha medo e passou. Olha, vou te mostrar.*

Ela coloca a lagarta em minha mão e começa a passar a mão pelo meu braço, um carinho.

- *Viu só como você conseguiu e não doeu?*

Pega a lagarta e volta para a roda. (ME. 5a.4m.)

Acontecimento é o que nos dá a pensar; o que dele vivemos, entendemos, pensamos, refletimos, aprendemos. Zourabichivilli (2004) diz, que é a sucessão de “dois estados de coisas, antes-depois”, e que apesar de encontrar abrigo na linguagem, não se deve concluir pela sua natureza languageira. Deleuze (2011a) diz que “o acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera”. E para viver o acontecimento, será necessário “tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne.”

Pulsava em mim esse sentimento de (re)nascimento, uma outra forma de pensar a vida, o cotidiano, a criança, a infância. Era visível para mim o antes e o depois, mas não a partir de um momento cronometrado (*cronos*). Se apresentava um outro tempo (*aion*), algo não quantificável, determinado, apenas o tempo. Era como se eu, após ter sido suspensa no tempo, voltasse e (re)começasse o cotidiano, a vida.

Para Alves, Ferrazo e Gomes (2019) “o acontecimento se dá como um efeito de superfície, algo que insurge, mas que não se reduz às coisas em si, isto é, não se deixa representar, nem identificar, só podendo ser pensado no instante em que acontece. Barcena & Vilela (2006) dizem que essa experiência, é única, irrepetível, algo que separa o antes e o depois, e que “o *aprender* significa reconhecer que há um tempo (o “depois”) no qual sabemos o que num certo “antes” ignorávamos.

Pensar a educação sob a figura do acontecimento, nos apresenta a possibilidade de explorá-la em três dimensões essenciais da experiência educativa. O acontecimento que irrompe e nos dá a oportunidade de pensar o novo, com uma nova linguagem. O acontecimento que nos permite fazer uma experiência, esse “outro que faz experiência em nós”, por ser algo que nos acontece e não nos deixa iguais. E por fim, o acontecimento que rompe com a continuidade do tempo nos fazendo repensar a experiência humana de aprender.

Comecei a pensar sem ser convidada, agir involuntariamente, incomodar-me com presenças e ausências, não ter como explicar certas situações, sentir o incomodo dos outros com a liberdade, com o caminhar, algo sem explicação. Exagero? Não sei dizer, fato é que a partir de então o cotidiano era outro. Sentia a pulsação e a potência da infância. Passei a operar, como diz Pérez (2014), “*na e pela* ética do acontecimento”, no qual a criança “torna-se diferente do que é, sendo ela mesma”. Busquei a inserção numa onda preexistente, que como diz Deleuze (Lins, 2019), “já não é uma origem enquanto ponto de partida, mas uma maneira de colocação em órbita. O fundamental é como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande onda, de uma coluna de ar ascendente, ‘chegar entre’ em vez de ser origem de um esforço”. Era assim com as crianças, eu como surfista, ficava à espera do momento certo e então, ingressava na onda “num instante de duração não linear do tempo que tatua o corpo não com marcas visíveis, mas com um devir imperceptível que inebria a superfície de um dentro em núpcias com o fora.”





O caso da lagarta, narrado no início, foi uma experiência particular, numa adulta que sentiu medo, frio na barriga, nojo, receio, coisas estranhas. Mas ao final quase chorei de emoção por ter conseguido a proeza de vencer o medo. Outras possibilidades, experimentações, sensações outras, percepções. Assumo-as “como acontecimento(s) singular(es)”, que rompem com a lógica de *cronos* e irrompem *aionicamente* intempestivos e atuais (Pérez, 2014).

Pensar “*com* os acontecimentos cotidianos” implica tentar escapar de toda possibilidade de “representação, definição identitária”, entre outras possibilidades que venham no sentido de explicar o que aconteceu, já que o “acontecido” está no momento presente, naquele em que se dá (Alves, Ferraço e Gomes, 2019).

A partir de então passei a *acontecimentalizar* (Pérez, 2014), *surfear* (Lins, 2019) *com* as crianças num cotidiano inédito, potente, pulsante, poético, partilhado.

Uma História⁹

Paulo Tatit/Zé Tatit

Eu vou te contar uma história, agora, atenção!
Que começa aqui no meio da palma da tua mão
Bem no meio tem uma linha ligada ao coração
Quem sabia dessa história antes mesmo da canção?

Dá tua mão,
dá tua mão,
dá tua mão,
dá tua mão.

⁹ Você pode conhecer a música a partir deste vídeo do grupo Palavra Cantada: https://www.youtube.com/watch?v=J_iz8FXxnPo





Primeiramente, uma história...

Enquanto caminhava no doutorado, cursei uma disciplina denominada “seminários avançados em cotidiano escolar” que era ministrada pelo Prof^o Dr. Marcos Reigota. Ele nos propôs a leitura de teses que poderiam ser escolhidas por nós ou por ele, ficando livre ao aluno sua opção. Mas como ele já me conhecia, sugeri para mim a leitura de uma tese da qual tinha participado da banca fazia pouco tempo, da doutoranda Aline Gevaerd Krelling¹⁰, da Universidade Federal de Santa Catarina. No decorrer da leitura observo que a pesquisa se refere à realização de oficinas de criação de histórias inventadas com crianças do ensino fundamental. A tese é de uma delicadeza, por ela se espalham rendas, desenhos, imagens. Teve algo que me chamou a atenção e acabei por emprestar essa ideia e levar para as crianças: iniciar o momento da leitura ou contação de histórias com a música apresentada anteriormente; gesto para mim delicado, sensível, agradável. O ambiente se transformava! As crianças acolheram a ideia e a música, “*uma história*”. Então nos sentávamos juntas, pegávamos o livro e após tocarmos a música, iniciávamos nossa história com calma e tranquilidade. Então, por essa razão, a trago aqui da mesma maneira, para que vocês conheçam um pouco da história que contarei.

Dá a sua mão?

¹⁰ A tese se encontra disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/192807/PEED1320-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Retomo o caminho para o sítio dos meus tios. Entro na estrada de terra, a primeira lombada.

O tempo suspenso.

A movimentação das crianças com a câmera, as imagens e a partir de então algo acontece. Inusitado, um estranhamento toma conta de mim, sensações e pulsações não conhecidas.

Frio na barriga.

Parei no ar.

Respirei.

Como explicar algo assim? Como entender? Precisaria entender? O que era aquilo ou isso?

Não sabia e permaneci assim por um certo tempo. Mas que tempo?

Ao me deparar com as imagens das crianças, comecei a busca pela lógica, fui atrás de explicações, respostas, entendimentos, inclusive com as crianças e percebi que essa explicação não iria acontecer ou melhor, explicar o quê?

Não era algo para se explicar, mas sim sentir.

E como fazer isso? Como sentir algo que nem mesmo sei o que é?

Não sabia, tinha que começar de alguma maneira, lançar mão de sensações, sentimentos, movimentos, desconhecidos da minha parte, somente as crianças conheciam. Ah, o desconhecido, esse ilustre cidadão do mundo que gera desconforto, medo, aflições, sensações outras que buscamos nos distanciar ou desvendá-las. Desvendar... Talvez essa palavra não signifique ou represente meu desejo nessa história, mas a princípio era isso que eu desejava: desvendar esse conjunto de sensações que eu estava experimentando, ou seja lá o que fosse aquilo. Experimentava um caldeirão de pulsações dia após dia. O frio na barriga se transformou numa geleira, ou melhor num bloco de gelo.





Sensibilizada com o cotidiano pulsante que estava vivendo, na busca por respostas, me deparei com pequenas mãos estendidas, olhos brilhantes que me convidavam a seguir com elas. As crianças estavam ao meu lado e eu, naquela busca frenética para encontrar respostas, explicações, lógicas, não conseguia tempo para vê-las, estar com elas. E então parei, respirei e as segui para viver meu novo tempo.

E, nesse percurso me perguntava onde essas sensações, experiências, caberiam em minha tese? Qual o significado dessa vida experimentada? Iniciei uma pesquisa profunda em paralelo ao meu cotidiano, e elas caminharam juntas, cotidiano e pesquisa, porque para mim não haveria possibilidade em pesquisar algo que não estivesse relacionado com o cotidiano. Mesmo porque era algo que estava pulsante em meu corpo, minha vida, permeada por experiências.

Desci a lombada...

Queda...

O frio na barriga passou...

O tempo começou a correr...

E me preparei para a próxima lombada, ao tempo compassado da partitura musical, solfejos, contagens, 1,2,3,4...

Narrarei um pouco do que foi a minha experiência, de como comecei o percurso das experiências, os percalços. E espero ser fiel aos fatos e às crianças porque em alguns momentos elas trouxeram a mim narrativas fáceis, mas difíceis de se expressar em sensações, o inusitado, o cheiro, o tato, algo que só vivenciando para saber.

Seguimos.

A câmera fotográfica

- *Amiga, vem aqui, vamos tirar uma “selfie”.*

- *Tá, tô indo.*

Duas crianças, um pedaço de madeira retangular, poses, bicos.

- *Agora, vamos voltar, vou chamar o “uber”.*

- *Vem, ele chegou, vamos.*

Sentam-se nas cadeiras e voltam para casa depois de um passeio no shopping. (L. 4a.2m, M.4a.10m.)

A câmera fotográfica faz parte do meu cotidiano desde antes desta opção teórica pelas imagens, pois entendia que as fotos faziam parte dos registros pedagógicos e pessoais. E as crianças, observadoras, percebendo a minha busca constante por registros, num determinado momento me questionaram “porque eu tirava tanta foto”. Parei, pensei e não sabia o que dizer, como explicar. Pulei o questionamento até porque naquele momento não me gerou tanto desconforto, apenas mais adiante ele apareceu, se tornando essa a primeira de outras reflexões que as crianças me trouxeram.

Um dia, meados do ano de 2017, estávamos na parte externa, no parque e eu observei que havia esquecido a câmera na sala. Mas em virtude do adiantado da hora, não voltei para pegá-la e logo chegou a hora de irmos embora. No dia seguinte levei a câmera no meu bolso e assim pude registrar diversos momentos das crianças, como fazia. Ao chegar em minha casa, peguei a câmera para baixar as mesmas em meu computador e quando olhei a quantidade que havia pensei: nossa quantas fotos tirei hoje!





Tenho por curiosidade rever as fotos, para sentir o momento e poder observar detalhes, algo que passa sem ser percebido. E foi aí que comecei a observar fotografias estranhas, pois não entrava embaixo das mesas e cadeiras para tirá-las, vi cantos da escola que não havia observado, entre outros lugares e momentos que eu não havia vivido.

No dia seguinte conversamos sobre diversos assuntos e perguntei sobre a câmera, sem citar o caso, só se alguém havia tirado fotografias no dia anterior e ninguém respondeu, só percebi algumas “risadinhas” divertidas das crianças.

Fiquei atenta e novamente esqueci a câmera na sala, aliás percebi que fazia muito isso, mas dessa vez solicitei para que alguém a pegasse para mim e curiosa, fui atrás para saber o que estava acontecendo. Para a minha surpresa havia um grande grupo de crianças se movimentando com a câmera pela escola. Ao observarem que eu estava por perto, sem qualquer cerimônia ou susto, vieram perguntar se elas poderiam ficar com a câmera para tirar fotos e eu disse que sim, mas pedi para que tomassem cuidado, pois era a única que tinha, naquele momento.

E os movimentos pela escola começaram, era como se fosse uma dança coreografada, uma brincadeira sem fim, crianças sorrindo, gargalhando, algo encantador de se observar, mas como já disse, não conseguia acompanhar todos os movimentos, e nem mesmo a câmera eu encontrava durante o dia, apenas ao final da tarde ela estava sob a mesa, me esperando, sozinha, mas repleta de imagens, momentos.

Ao baixar as imagens em casa ficava a pensar, a refletir sobre as imagens, o uso que eu fazia delas, o meu olhar quando fotografava, meu desejo, objetivo e o que mais me incomodava era pensar na utilização delas depois, por mim.

Wunder (2008), diz que são fotografias-evidências, ou seja, são “objetos que comprovam fatos, arquivam experiências [...] com o desejo de identificá-las, analisá-las e controlá-las [...]” e ainda expressa um sentimento de que essa fotografia “entra como instrumento de um olhar que quer aprisionar os sentidos na pele-papel.” Penso que era essa a necessidade que se apresentava para mim, comprovar um trabalho “pedagógico” que efetivamente era realizado

com as crianças através das fotografias. Escolhia as fotos que melhor representasse o momento para utilizá-las, sem perceber eu as analisava, os momentos, sem qualquer abertura para a experiência, era objetivamente comprovação, a “criação de uma necessidade compulsiva de fotografar o vivido com a finalidade de comprová-lo” (Wunder, 2008).

Quando as crianças me questionam sobre as fotografias passo a (re)pensar esses registros, fiz uma constatação dura, difícil de assimilar, já que faziam parte do meu cotidiano e serviam apenas para comprovar algo, sem fazer uma reflexão sobre e de qual cotidiano falamos, de que crianças, de que momento, pedagógico, espontâneo, de que escola.

As crianças, quando na posse da câmera me apresentaram outras fotografias, outros momentos, outra forma de experimentar aquele olhar, que era atento aos detalhes da escola, da natureza, das pessoas, das brincadeiras.

Eram imagens tão interessantes, belas, potentes que fiquei a pensar: fotografias ou imagens?

Pelas imagens movimentei meus pensamentos, me encontrei entre as fotografias realizadas por mim e as imagens das crianças e entendi que a potência das crianças, não caberiam em fotografias que a partir daquele momento se tornaram evidências de um fazer pedagógico. Optei pelas imagens.

Os dias foram passando, imagens surgindo, poses, bicos, batons, carrinhos, unhas quebradas, corpos correndo, sombras no chão, céu, árvores, bichos, brinquedos, até que um dia a câmera parou de funcionar e a tristeza se abateu sob as crianças.

Num primeiro momento elas queriam descobrir o que tinha acontecido. Num segundo momento, desejavam descobrir se alguém tinha batido ou quebrado e, num terceiro momento, como iríamos resolver esse “problema”. Em nossa conversa no dia seguinte eu expliquei que não haveria câmera por alguns dias, pois eu estava verificando o que havia ocorrido com a mesma e não sabia quando ficaria pronta.





As ideias em como resolver o problema foram surgindo, como por exemplo, tirar foto com o celular, mas daí a foto não ficaria muito legal, de acordo com as crianças; utilizar a câmera da escola, trazer uma câmera de casa, ou seja, a conversa durou bastante tempo e a decisão final foi a seguinte: vamos esperar a câmera voltar! A câmera não estava tão danificada, havia muita sujeira, um pequeno problema no foco, na lente, mas teria como resolver, um pouquinho de tempo e tudo estaria de volta ao seu lugar.

No dia seguinte uma criança me chamou na porta na hora da entrada e disse: “Ana, minha mãe quer falar com você!” E a mãe chega logo em seguida com um saquinho nas mãos, esbaforida por causa do calor e diz: “Professora a D. me disse que quebraram a câmera da sala, então como eu tenho essa sobrando em casa ela pediu se poderia doar para a sala, assim as crianças não ficam sem tirar as fotografias. Você aceita?” Fiquei tão emocionada, não apenas pela doação, mas pela importância que a mãe deu para a fala e o pedido da criança, disparada por um fato que ocorreu em nossa sala, num momento de brincadeira. A criança narra o acontecido em casa e pede para a mãe se haveria a possibilidade de doar para a sala, isso foi sensível, delicado e empático, fiquei sem palavras.

Aceitei a doação e dialoguei sobre ela com as crianças que ficaram felizes e agradecidas, pois naquele momento, as fotografias eram o ponto alto das brincadeiras.

Trouxe a nova câmera para casa, verifiquei que ainda funcionava e que precisaria de pilhas recarregáveis, o que providenciei no dia seguinte. Levei para as crianças e dialogamos sobre a utilização da nova câmera. As recomendações para não quebrar, bater ou molhar foram feitas pelas crianças.

Nesse dia os diálogos foram interessantes, pois as crianças se expressavam com propriedade, segurança e ouviam com atenção, questionando, inclusive as recomendações; e eu, observando atentamente. Naquele mesmo dia a câmera começou a ser movimentada pela escola.

Depois de algum tempo consegui arrumar e limpar a minha câmera e a levei de volta para a sala e lancei a questão: crianças a outra câmera voltou!

As crianças ficaram eufóricas em saber que “houve conserto”, porque elas achavam que tinha quebrado “para sempre” e entre elas o diálogo era: agora vamos ter duas câmeras!

Coloquei a câmera na mesa e deixei que elas decidissem o que queriam fazer e diariamente as duas câmeras estavam lá, disponíveis. E quando eu esquecia de colocar logo já era cobrada: onde está a câmera?

Com o passar dos dias percebi que as duas estavam em uso e quando uma estava desocupada eu a utilizava, pois também queria registrar o cotidiano das crianças, não com o desejo das fotografias-evidência, mas como um registro pessoal, e assim as dividíamos: uma ficava com as crianças a outra comigo. Essa divisão ficava por conta das crianças, mas eu só a utilizava quando uma estivesse disponível, o que era bem difícil de acontecer.





As imagens

Como narrei anteriormente, as crianças permaneciam com a câmera cotidianamente e com isso me apresentavam inúmeras imagens, que eram por mim visualizadas diariamente. Havia a necessidade de baixar as imagens para elas utilizarem a câmera no dia seguinte. Passava horas observando-as, imaginando quais eram os locais, ângulos, quem havia registrado, divagava, enquanto as imagens passavam.

O que podem essas imagens? O que poderiam trazer como reflexão para a infância? E para a criança? O que desejava a criança ao registrar aquele momento? O que mobiliza no adulto aquela imagem?

Leite (2018) nos diz que “as crianças nos oferecem um povoado de imagens que exige de nós uma educação do olhar”, pois estão marcadas por incertezas e deslocamentos, misturando sentidos e sensações.

Já não era possível olhar as imagens e não sentir o deslocamento que elas causavam, um movimento em mim produzindo pensamentos outros sobre um cotidiano com as crianças.

As imagens, sem autores, apenas crianças, que dançavam com a câmera em mãos, várias mãos, espaços diversos, vai e vem, idas e vindas.

Observo que nesse caminhar as crianças não me perguntavam sobre as imagens, o que havia acontecido, onde estavam e ficava em mim a dúvida: por que será que as crianças nunca pediram para saber ou ver as imagens que foram feitas?

O tempo foi passando e um dia resolvi perguntar para uma criança, que estava com a câmera, se ela não tinha curiosidade em ver a imagem e ela me respondeu: mas eu sempre vejo.

Fiquei parada, no mínimo com uma expressão do tipo como assim?

Daí perguntei para ela: como?

Ela pegou a câmera, ligou, me mostrou o visor e disse: aqui que eu vejo.

Um mundo de reticências pontilhado de possibilidades (Leite, 2018) era isso que as crianças me proporcionavam, levei tempo para experimentar o inusitado, imprevisível, deslocar a visão do modo dado de pensar a escola, as crianças, precisava me abrir, romper, me enveredar pelas “travessias que escapam às certezas”, *acontecimentalizar* (Pérez, 2014).





“Entre” encontros-cotidiano-escolar

Entre acontecimentos, devires, imagens, encontros potentes, sensíveis, falas, gestos, movimentos, pele, corpo.

Camargo (2019) me trouxe a lembrança das cartas, de sua escrita, formato, papel, envelope e a partir dessas lembranças, escrevo três cartas, num outro formato, três narrativas, três histórias, três encontros, entre outros por esse caminhar, por essa vida.

Três encontros;

Três reflexões;

Três narrativas.

Era fevereiro de 2017 e você chegou, irradiando Luz por onde passava.

Inicialmente, contei com a ajuda da sua mãe, que tão gentilmente me ensinou a entendê-lo, em especial a dialogar, a brincar.

Passamos por dias confusos, estressantes, para mim e para você, com suas crises nervosas, gritando, chorando, incansavelmente, até eu entender que o que você queria era um colo, uma música e sossego na sala.

E quando em meu lugar vinha outra professora que você não aceitava e se recusava a ficar na escola?

Dialogamos e fizemos o nosso combinado que era ficar na escola após eu passar por aqui e conversar com você, sempre que eu precisasse faltar.

Quantos beijos e abraços eram distribuídos naquele momento.

Caminhamos juntos até você se sentir confiante com as crianças, com o espaço, a cuidadora, a merendeira, as pessoas que de alguma maneira sempre estavam por perto para te ajudar.

Suas brincadeiras no parque tiravam o sossego das professoras e das crianças que tentavam fazer igual, mas não tinham coragem.

Na roda suas participações eram fantásticas, você iniciava e terminava as conversas com um lindo sorriso, as crianças amavam te ver sorrindo e você gostava de “ouvi-las” sorrindo.

Me lembro das casinhas, dos berços, das brincadeiras que você participava ativamente.

Um dia sua mãe chega na porta e pergunta quem era o F. e eu o chamo e ela diz para ele que todas as noites você o chamava dormindo.

Ele ficou tão feliz que saiu correndo contando para as demais que você gostava muito dele, eram amigos.

Amigos, quantos em nossa sala, lembra a brincadeira de bolinha que inventaram para você?

Você aprendeu que quando alguém tocasse a sua mão, você deveria passar a bolinha para o outro.

Quanta alegria nesses momentos.

E os brinquedos que traziam para você?

As famílias começaram a enviar diversos brinquedos sonoros para brincarmos na sala, alguns feitos com materiais diversos, manualmente pelas próprias crianças.

Apreendi muito com você, com as crianças que te recebiam com alegria e festa, desde o portão da escola até a sala.

Não deixavam faltar água, comida, brinquedo, carinho, respeito, atenção.

Você sabia que ali estava entre amigos, inclusive que te defendiam nos momentos estressantes que aconteciam.

O dia que você entrou sozinho na escola, foi uma festa em nossa sala, as crianças ficaram tão felizes que virou a notícia do dia.

Você era tão musical que as crianças escolheram cantar uma música tocando numa latinha para que você também pudesse participar, cantando e tocando. Que dia lindo!

Luz, a sua força, potência, vida atravessou a minha e deixou marcas profundas.



Flor, você chegou e logo nos tornamos amigas, lembra-se?

Você chegava e logo se sentava ao meu lado para contar uma história.

Gostava de brincar de casinha.

As crianças menores sempre eram seus “filhos”.

As vezes surgiam algumas discussões, mas que logo eram resolvidas através do diálogo iniciado por você.

Um dia sua mãe apareceu na escola, muito aflita.

Percebi que você ficou nervosa, seu corpo dizia, suas mãos na boca, roendo as unhas.

Conversando com a mãe, observo uma grande preocupação com o seu comportamento em casa, em especial com seu irmão mais novo.

Ela me conta detalhes de algumas brincadeiras que a preocupavam e logo ela imaginou que você estivesse causando problemas na escola também.

Busco acalmá-la, digo que na escola você ficava tranquila, brincava bastante e entre suas brincadeiras favoritas estava a casinha, sempre acompanhada de um filho para cuidar.

Sua mãe permaneceu aflita e pediu que continuasse observando-a.

Você não tocou no assunto e continuou a brincar.

Os dias se passaram e um dia, entre as imagens das crianças encontro várias suas brincando com uma boneca bebê, dando banho com uma flor.

Observei os detalhes da brincadeira, a forma como você segurava o bebê, o carinho do banho com a flor, algo belo de se ver.

Separei essa imagem, fiz a sua impressão e enviei no meio do seu caderno de recados, sem escrever nada.

Algum tempo depois, perguntei se você tinha visto a imagem, que me disse que sim e que sua mãe também.

Disse ainda:

- Ana, minha mãe chorou quando ela viu a foto e colocou na porta da geladeira. Eu contei para ela como era a nossa brincadeira naquele dia e ela gostou.

Passado algum tempo sua mãe voltou a conversar comigo para agradecer o envio da imagem e dizer que a partir daquele dia ela passou a conversar mais com você e que a relação já estava bem mais tranquila.

Uma imagem, feita por vocês crianças, num momento de brincadeira e que atravessou duas adultas, tanto a mim quanto sua mãe, possibilitando outros olhares, para além do que está dado.

Só gostaria de lhe agradecer pelas possibilidades e aprendizagens que a sua companhia me trouxe!

Obrigada

Me lembro do seu primeiro dia na escola, em março.

Você chegou feliz e seus familiares ansiosos.

Era a sua primeira vez num ambiente escolar. Chegou, não conversou, não se sentou, não brincou, não olhou em meus olhos, era como se não existisse ninguém na escola, apenas você.

Dava para sentir a sua alegria em estar ali, mas também a sua ansiedade por estar partilhando um espaço com outras crianças.

Foi difícil aceitar os combinados, as regras das brincadeiras impostas pelas crianças, os horários.

Passamos por alguns dias complicados, tensos, com choros, gritos, brigas.

Quando estava sozinha ficava a pensar o que eu poderia fazer para acolhê-la, acalmá-la, tranquilizá-la de que ali era um espaço para a partilha, para as crianças, para brincar.

Fomos nos conhecendo, vagorosamente, dia após dia, carinho após carinho e a confiança uma na outra começou a aparecer.

Entendi que em seus momentos nervosos, o colo e o silêncio acolhiam, acalmavam e você dormia, descansava.

Passamos a dialogar, caminhar juntas, brincar, divergir, com respeito.

Quando precisava de espaço, silêncio, eu ficava distante, mas próximo, caso precisasse.

Estava disponível para você, que as vezes pedia colo, beijos, carinhos.

Você se lembra?

Num dia, quando você chegou muito nervosa, não conversou comigo e nem com ninguém, ficou distante, dizia que estava brava.

Me aproximei, ainda sim distante e depois de algum tempo falei para você bem baixinho que eu estava ali, se precisasse era só chamar. Fiquei esperando, distante, observando.

A calma foi chegando, suavemente, você veio até mim, deitou-se no meu colo, sem falar nada e por ali ficou.

Seu coração estava acelerado, suas mãos suadas, seu cabelo molhado.

Ficamos tempo juntas, em silêncio, até que você se levantou e saiu.

Brincou o restante do tempo tranquilamente.

Me lembro que momentos assim foram se repetindo, você passou a chegar mais calma na escola, brincava a tarde toda com as crianças. O cotidiano foi se tornando mais leve, mais feliz, para mim e para você.

Um dia você chegou para mim e pediu para levar uma pedra da escola para casa e eu perguntei por que e você me disse que queria muito e levou.

No outro dia sua mãe me disse que você dormiu com a pedra na mão.

No decorrer dos dias você foi levando outros materiais, fazendo um canto em seu quarto só com as “coisas” da escola.

Lembra quando você me contou que dava banho nas pedras?

Vê-la chegar na escola com um sorriso lindo sempre foi a minha alegria.

Obrigada por esses momentos e aprendizagens partilhados.





“Entre” crianças

Narrei apenas alguns encontros, talvez aqueles que exigiram de mim algo que eu não sabia que poderia fazer ou saber. Eles exigiram meu corpo, precisei me deslocar para espaços desconhecidos, segurar no colo o peso de uma vida, carregada de suor, soluços, pesadelos, toques, choros, mas também carinhos, beijos, abraços, acolhimentos. Me pergunto se eu as acolhi ou elas me acolheram, não saberia dizer, mas nos encontramos e ficamos juntas *entre* o cotidiano, crianças, adultos, escola, corpos em movimento, vidas, a minha e a delas.

O que é possível acontecer *entre* as crianças, suas narrativas e a minha vida? Qual o significado para mim da experiência *entre* esses acontecimentos, o cotidiano, as crianças? O que há *entre*?

Experimentei o *entre* pelo caminho, momentos, acontecimentos, devires, blocos de infância, cotidiano, crianças, imagens, inéditos viáveis algo que me desterritorializava e ficava ainda mais potente *entre* momentos, *entre* o que restava depois, em mim, corpo e pele, a pessoa e a professora, com dificuldade de identificar quem e o que estava comigo.

Pensamentos outros, como Vasconcellos (2005) diz “pensar depende necessariamente das forças que se apoderam do pensamento”, para ser mobilizada e romper com a passividade.

Na tentativa de decifrar, explicar, seguia, movimentando pensamentos, cotidianamente, vivendo a inquietude, experimentando e buscando alternativas, o mundo girando e eu *entre*.

Vida imanente, para Deleuze (2002, p. 14) uma “vida indefinida, que não tem ela própria momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas *entre-tempos*, *entre-momentos*. Ela não sobrevém, nem sucede, mas

apresenta a imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata”.

Talvez seja isso, a singularidade de uma vida, a minha, a cada encontro chegando à superfície da pele, devindo. Algo que já existia antes de mim, mas que só transcendeu a partir das imagens, *entre* acontecimentos, encontros, num movimento infinito de idas e vindas.





Movimentando pensamentos

Você viu o corona vírus?

Ele é muito perigoso, você tem que ficar em casa professora, por favor, senão você morre! (V. 5a.4m.)

Então uma pandemia, que me atravessa, transpassa, outra experiência. Percebo a necessidade de colocar no papel as palavras, algumas, poucas, soltas, que expressam sentimentos como euforia, tristeza, tranquilidade, ansiedade, esperança. Ainda estamos atravessando esse momento, agora com notícias das crianças e suas famílias, um acalanto, um alento.

Escrevo sem intenção de poesia, apenas batidas de um coração, um corpo, em isolamento num tempo que nos tirou a possibilidade de contato físico, só os fios invisíveis da internet nos conectam.

Em 2020 passei apenas 30 dias com as crianças e então, a partir de uma sexta-feira 13 (março) não mais os encontrei. Entramos em quarentena obrigatória, as escolas foram fechadas, o comércio também, permanecendo em funcionamento apenas os serviços essenciais. No início sentia como se estivéssemos em férias, forçadas, mas ficar em casa normalmente nos remete a descanso, tranquilidade. Percebi, com o passar dos dias que uma angústia tomava conta do meu coração, da minha vida e entendi que não eram férias, mas quarentena, isolamento, distanciamento.

Fomos obrigados pela situação emergencial a criar em nossas casas protocolos de limpeza, higienização; aprendemos que a utilização de máscaras seria fundamental e que sair seria apenas para comprar alimentos, remédios. Passamos, não toda a população, a realizar o trabalho em casa e observamos a vida ganhando um outro ritmo, outra performance, outras possibilidades.

Dia 13

*Sexta-feira,
13 de março
nosso último encontro
não imaginávamos,
mas eu deveria
ter observado os sinais,
três crianças com máscaras...
exagero ou prevenção?
Bem,
naquele dia 13,
sexta-feira,
não tínhamos nenhum caso de
COVID-19 em nossa cidade
nem mortes.
Fizemos planos, lembram?
Iriamos repetir
as experimentações
com farinha, sal, amido,
corante e água
tudo para atingir
"o ponto" de
massa pegajosa,
o que era
meleca mesmo!
Nos despedimos empolgados,*

*Beijos e abraços,
os últimos
por um bom tempo,
mas não sabíamos,
e desejamos
uns aos outros:
bom final de semana!*

*13 de abril,
um mês depois,
não nos encontramos,
não fizemos melecas,
não conversamos,
não nos abraçamos,
a escola está vazia.
Vento, poeira, fitas
ocupam os espaços.
Temos infectados,
mortos,
não sabemos
o que virá pela frente,
fiquem bem,
fiquem em casa!*

*13 de maio
60 dias
do nosso último encontro
sem celebrações nessa data,
tristeza, dor, angústia
e seguimos
trabalho à distância,
(re)encontro emocionado
com as professoras,
diretor,
orientadora,
cada um em sua casa,
se confraternizando,
momentos alegres,
mas, e vocês crianças?
aguardando o momento
do nosso
(re)encontro
vivendo o presente
na esperança do futuro
e crianças,
continuo a esperar
em vocês!*

ESPERANÇA





JUNHO/2020:

Professora, por que a gente não vai de máscara para a escola? (DM. 5a.5m.)

Passando pela escola num desses dias, resolvi descer do carro e parei no portão, observei o interior dela e senti um vazio... As folhas secas arranhando o chão que estava sem lagartas, sem areia, sem pés ou crianças deitadas, rolando por ele. As fitas que coloriam nosso espaço e que antes colavam nos corpos atrapalhando o caminho dos adultos, se cruzavam entre elas fazendo um leve barulho. O parque, os brinquedos, me trouxeram uma sensação de pertencer tudo ao passado, sujos com o pó, sem vozes, portas fechadas, que sensação de medo. Fui embora, aquilo me trouxe um sentimento de tristeza, frio na barriga.

Não passei mais por lá.

Ainda estamos em casa, eu e as crianças, sem escola, com os casos batendo em nossa porta e o medo cravado em nossa alma. O que alegre são os vídeos recebidos das crianças, brincando, pintando, gritando e dizendo *ficar em casa é muito chato!*

Concordo, é muito chato!

As fitas

fitas
gosto de fitas.
coloridas,
penduradas,
aprecio suas texturas,
larguras.
alegram os ambientes.
penduradas no teto,
nos transportam para outro lugar.
Para as crianças,
se tornam portais.
Quando elas grudam no corpo,
dizem:
um monstro me pegou!
Me solte, seu monstro!
Adultos
desviam delas
e quando
sem querer
passam por elas,
reclamam:
credo,
como isso gruda na gente.
Amo as fitas!





AGOSTO/2020:

Algumas reflexões, escritas fragmentadas, não datadas, pensadas no decorrer da pandemia. Dias bons, outros não, registradas, algumas linhas... Os dias foram passando, aliás, eu passava por eles, no início até acompanhava as notícias pela televisão. Mas depois de vários dias, não aguentei e resolvi diminuir o acesso a essas informações.

Passei a me encontrar à distância com diversas pessoas, grupos, conferências. E a vida começou a ganhar um outro ritmo, frenético, com horários marcados, um seguido do outro, dentro de casa. Não me sentia confortável, às vezes chegava a duvidar que aquilo realmente estivesse acontecendo. Passei pela fase da negação da situação real e daí observava que sim, o vírus estava lá fora, pessoas estavam morrendo e a ciência lutando contra o tempo.

Busquei a leitura, a escrita, mas tinha dias que nada dava certo, não conseguia. Ficava angustiada, desatenta, olhando para o nada. Então parava, respirava, limpava a mente, na medida do possível, caminhava, observava através da sacada o trânsito, as pessoas... Passei a ver detalhes de uma vida que estava ao meu redor, ali na minha janela e eu nem imaginava. Descobri o sol na janela do meu quarto que não era aberta durante o dia; descobri que minha vizinha era professora de dança e eu nem a conhecia; descobri que tem um lindo gato que todos os dias às 17:00 horas sai na sacada do outro prédio para tomar um sol; descobri que a árvore da avenida cresceu e agora não vejo mais as crianças no outro prédio.

Constatei que a rotina de antes, horário, compromissos, aquela correria do dia a dia não me deixava observar detalhes, viver a experiência que é fazer um bolo, preparar um almoço, ler um livro com tempo para reflexão, observar o tempo passar.

A pandemia segue lá fora, tempo real, não há estabilidade no número de casos ou mortes, seguimos em casa, nesse momento, quem tem essa possibilidade.

Meu corpo pede para escrever
 Meu coração bate mais forte
 Pede para falar
 Reflexões sobre a pandemia
 Início de junho
 Sem previsão de retorno presencial
 Não seria possível nesse momento
 As crianças
 Aquelas que necessitam de assistência de um
 dos pais
 Menores de 6 anos
 Terão suas mães ou pais em casa,
 Dizem.
 Que bom!
 Todas?
 NÃO
 Mas de que crianças estamos falando?
 De que cuidados?
 O Miguel foi trabalhar com a sua mãe¹¹
 Ela não tinha outra opção,

As escolas estão fechadas,
 Ela não deveria estar trabalhando
 Ele tinha 5 anos
 Necessitaria de cuidados
 Que cuidados?
 Esse que ele não teve
 E o levou a morte.
 Mas sua mãe estava trabalhando
 Em meio a pandemia
 Cujo lema é
 #fiqueemcasa
 Ela não podia
 Ela precisava
 Ela foi
 E o Miguel,
 Também
 Crianças
 Cuidados
 Desigualdade

¹¹ Disponível em <https://g1.globo.com>





SETEMBRO/2020:

- Oi professora, eu tô com muita saudade da escola, dos meus amigos, de brincar, de tudo. (L. 5a.11m.)
- *Professora, caiu meu dente, olha, olha...*
E ela me envia uma foto de sua boca, sem o dente! (ML. 5a.9m.)

No caminhar dos dias, volto para a escola, sem criança, apenas para cumprir 20% da jornada presencialmente. Para escapar do vírus e cumprir a determinação, passo a criar linhas de fuga (Deleuze & Guattari, 2011). Máscaras, álcool em gel, higienização na entrada de casa e sem aglomeração na escola.

Reflexões diárias. Permaneço no parque, as pessoas desejam conversar, mas com a máscara, quanta impessoalidade, você passa a entender os olhos, o corpo. E ele fala, um olhar poético para esses dias, no parque, *entre* um caminhar e outro pelos brinquedos, pelas árvores, pela areia, na solidão das máscaras, com o álcool em gel, a realidade atual.

Me emociono, preciso parar...

Quantas vezes isso acontece, e novamente e, novamente...

As reticências são propositais, representam o nó na garganta, as batidas aceleradas do coração, as lágrimas que não rolam, mas enchem os olhos, que como disse, dizem muito.

- Professora, fiz um desenho para você! Eu e você
juntinhas, de noite e de dia, com muitas florezinhas
num jardim lindo, como a gente gosta! (E. 6a.)

(recebi os desenhos com um áudio da criança
narrando os mesmos)

Outubro/2020







Canção Óbvia
Paulo Freire (2000)

Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei,
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens.
Suarei meu corpo, que o sol queimará,
minhas mãos ficarão calejadas,
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos,
meus ouvidos ouvirão mais,
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera
porque o meu tempo de espera é um

tempo de quefazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me,
em voz baixa e precavidos:
É perigoso agir
É perigoso falar
É perigoso andar
É perigoso, esperar, na forma em que esperas,
porque esses recusam a alegria da tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste,
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,
antes te denunciam.
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.

“Entre”

Caminhei, percorri, andei, andarilhei, encontrei, chorei, sorri, prossegui *entre* crianças, infâncias, antes, depois, imagens, pessoas, natureza, buracos, cantos estudando, lendo, refletindo, atuando, criando, acolhendo, trabalhando, lutando, resistindo, partilhando num cotidiano na educação infantil narrado nessa tese. Momentos intensos, vivos, potentes, repletos de descobertas, experiências, diálogos, aprendizados que continuarão a acontecer, entre professora, crianças, infâncias por outros cotidianos, que seguem seu caminho temporal aonde crianças vão e vem deixando e levando histórias para a vida.

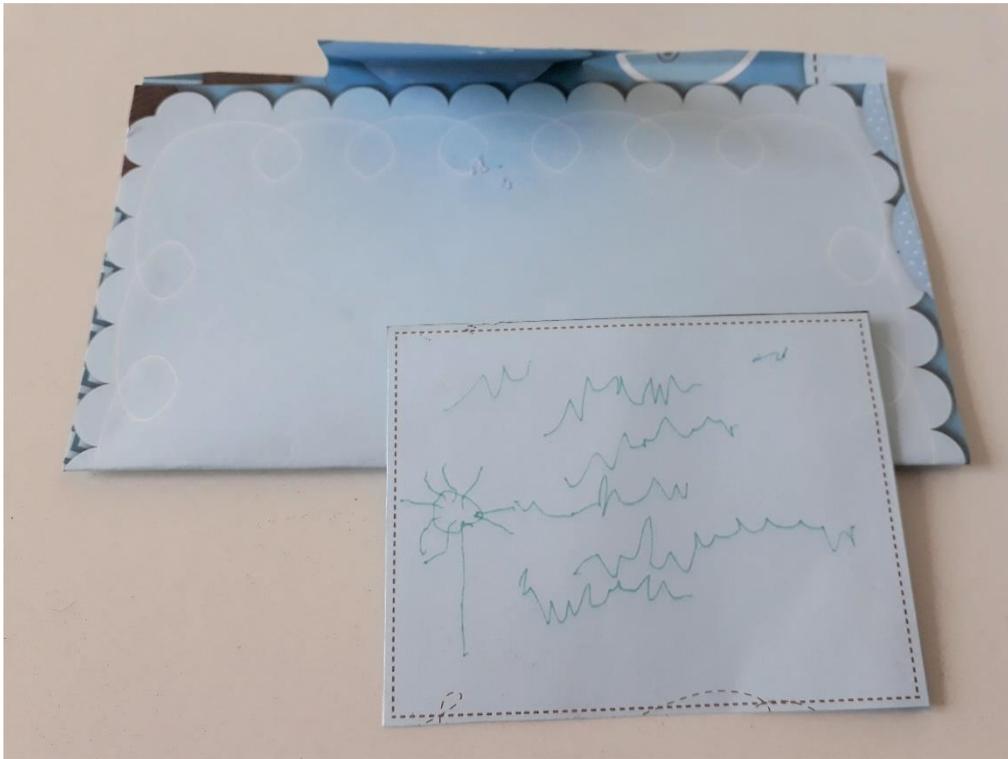
Algumas reflexões e questionamentos precisam estar presentes nos cotidianos como aqueles que permearam essa escrita, entre elas: como pensar a educação pós acontecimento? Quais outros modos de ser e estar no cotidiano da educação infantil? Que outras possibilidades atravessam a professora e seu cotidiano? O que podem as crianças e suas imagens?

Vamos pensar as infâncias, (re)pensar a educação infantil, esperar o cotidiano no tempo de *quefazer*, sem modelos ou receitas, movimentar pensamentos, experimentar, sentir, ser atravessada pelos acontecimentos, criar os inéditos viáveis, extrair a potência e as partículas da criança, no seu tempo, no seu corpo. Algo que dói, bate, arde, cansa, um caminhar *entre* o antes e o agora, sua vida, seu cotidiano e assim aceitar o convite das crianças ao dizerem *depois eu volto para brincar mais com você, sim, amanhã estarei aqui para brincar mais!*

A escrita dessa tese finda-se, ou melhor, a estrada está chegando ao final, o asfalto se torna visível, as lombadas estão ficando para trás, outro caminho se anuncia, outros acontecimentos, outras escritas, “*entre-tempos, entre-momentos*”.







- Tô escrevendo uma coisa para você, porque eu estou saindo da escola, tô muito grande, vou para a escola da minha irmã. Então, professora, você vai estar na escola dela? Não, você não vai estar lá, então vou mandar um envelope para você, professora, professora, uma flor, beijo e amor. Eu amo a minha escola! (V. 5a.10m.)

(recebi o bilhete e o vídeo dele narrando a escrita)

Dezembro/2020

Ainda sonho frequentemente com Ituaçu.

A mesma coisa, a cidade, os dois bairros principais, aquelas pessoas importantes do lugar, os meninos com quem eu brincava, tudo isso ainda sonho muito, frequentemente, como se eu ainda estivesse lá.

A gente traz a infância com a gente, não é?

Eu acho que é uma coisa comum a todas as pessoas, especialmente infâncias que foram felizes, com um entorno afetivo, interessante e tudo mais.

Eu acho que tudo que há de um menino em mim, é um pouco porque sou muito criança ainda.

Essa criança me acompanha de certa forma e acho que vai me acompanhar a vida inteira.

Nunca me separei. (GIL, 2020)





REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ALVES, Nilda Guimarães; FERRAÇO, Carlos Eduardo; GOMES, Marco Antonio Oliva. OS COTIDIANOS – *espaçotempos* de resistência e criação. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 3, p. 1026-1038, set./dez. 2019.

BANDEIRA, Pedro. **Mais respeito, eu sou criança**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.

BARCENA Fernando & VILELA; Eugénia. Acontecimento. In: CARVALHO, Adalberto Dias (coord.) **Dicionário de Filosofia da Educação**. Porto: Porto Editora, 2006, p.14-19.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**. Rio de Janeiro: Ed. Schwarcz S.A., 2018.

BARROS, Manoel de. **Biblioteca Manoel de Barros - Ensaios Fotográficos**. São Paulo: LeYa, 2013.

BOFF, Marcia de Souza Simão. **A infância capturada em fotos: imagens do cotidiano da educação infantil**. Sorocaba/SP. 2014. Dissertação (mestrado). Orientadora: Eliete Jussara Nogueira. Universidade de Sorocaba – UNISO.

CAMARGO, Andreia Regina Oliveira. **Foto-grafando infâncias: experiências imagéticas e poéticas e currículo na educação infantil**. Rio Claro/SP. 2019. Tese (doutorado). Orientador: César Donizetti Pereira Leite. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Instituto de Biociências. Rio Claro.

CHISTÉ, Bianca Santos. **Devir-Criança da Matemática: Experiências educativas infantis imagéticas**. Rio Claro/SP. 2015. Tese (doutorado). Orientador: César Donizetti Pereira Leite. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia 2**. v. 1. 2 ed. - São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia 2.** v. 4. 2 ed. - São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva, 2011a.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica.** São Paulo: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, Gilles. **Kafka: por uma literatura menor – Gilles Deleuze, Felix Guattari.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 71ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. Recurso digital.

FREIRE, Paulo. Justificando o novo título: direitos humanos e educação libertadora. In: FREIRE, Ana Maria Araújo; MENDONÇA, Erasto Fortes (orgs.). **Direitos Humanos e Educação Libertadora – Gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b. p. 482-641. Recurso digital.

FREITAS, Marcos Cezar de. O coletivo infantil: o sentido da forma. In: FARIA, Ana Lucia Goulart (org.). **O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes.** São Paulo: Editora Cortez, 2007.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. Educação & Realidade. Jul./dez. 2002.

GALLO, Silvio. **René Schérer e a Filosofia da Educação: Aproximações.** 37ª Reunião Nacional da ANPED – outubro/2015, UFSC – Florianópolis/SC. Disponível em:
<https://anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt17-3575.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

GIL, Gilberto. Rio de Janeiro, 09. julho.2020. Instagram:@gilbertogil. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCbludMFBZl/>. Acesso em: 16 ago. 2020.

GODOY, Ana. 2020. 1 vídeo (1:38 min.). Educação e Pandemia. Publicado pelo canal Do caos ao caos: Insubmissões em Pandemia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3W_ZPv1AymI&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0k33N1uLkAFmGHU1vuD7DQ7sqxNGJWeZM60bLkRHGVZVCAmml5GMNiAj4. Acesso em: 15 jun. 2020.

KOHAN, Walter. Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. São Paulo: Editora Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter. Omar. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. 2. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LEITE, César Donizetti Pereira, CHISTÉ, Bianca. Imagens de crianças: travessias do universo infantil. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 272-290, maio-ago. 2015.

LEITE, César Donizetti Pereira. **Imagem, Corpo, Espaço e Tempo: Devir-criança e desenvolvimento infantil**. Campinas/SP. 2018. Projeto de pós-doutoramento. Orientador: Silvio Donizetti de Oliveira Gallo. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.

LEITE, César Donizetti Pereira; OLIVEIRA, Luana Priscila. **Pesquisa-experiência: relatos, corpos e acontecimentos**. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, vol. 12, n. 3, p. 134-152 – set./dez. 2019.

LINS, Daniel. **Deleuze, surfista da imanência**. Disponível em: <http://clinicand.com/deleuze-surfista-da-imanencia-por-daniel-lins/#:~:text=Experimentadores%20de%20um%20fora%20que,subterr%C3%A2neas%20de%20fil%C3%B5es%20na%20mina>. Acesso em: 16 mar. 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver/Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Sociedade Literária, 2018.

MARTINS, Nataliane Isabela Oliveira. **Ritmos de Pensamento: rastros de cotidianos-educação**. Sorocaba/SP. 2019. Dissertação (mestrado). Orientadora: Alda Regina Tognini Romaguera. Universidade de Sorocaba – UNISO.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. cinco cabeças e um copo de café...(com)fabulações sobre a potência de uma educação menor. In: RIBETTO, Anelice et al. **políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RODARI, Gianni. O homem de Orelhas Verdes. In: TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SCHÉRER, René. **Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TATIT, Paulo; TATIT, Zé. Uma estória. São Paulo: Velas. 1996. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=J_iz8FXxnPo. Acesso em: 15 jun. 2020.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Campinas: Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação – Unicamp. Disponível em:
<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.

WUNDER, Alik. **Foto quase grafias: o acontecimento por fotografias de escolas**. Campinas/SP. 2008. Tese (Doutorado). Orientador: Antonio Carlos Rodrigues de Amorim. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.

